



10 ANOS DE CRÔNICAS

JORNAL DE SANTA CATARINA

ÍNDICE

06

**ANAMARIA
KOVÁCS**

14

**CAO
HERING**

24

**CEZAR
ZILLIG**

32

**CLÓVIS
REIS**

40

**FABRÍCIO
CARDOSO**

48

**GERVÁSIO
LUZ**

54

**IVO
THEIS**

60

**MAICON
TENFEN**

68

**EVANDRO
DE ASSIS**

74

**LAURO
BACCA**

82

**SUSAN
LIESENBERG**

90

**VIEGAS
FERNANDES DA COSTA**

PREFÁCIO

Esta coletânea reúne textos publicados pelo Jornal de Santa Catarina entre setembro de 2004 e setembro de 2014, período em que o gênero crônica se consolidou no diário editado em Blumenau pelo Grupo RBS. Os 12 autores aqui representados colaboraram com a seção rotativa de opinião que se tornou uma das mais lidas e queridas pelos leitores. O sucesso foi tamanho que textos opinativos passaram a integrar também as páginas de outros cadernos do jornal.

Neste aniversário de 10 anos, momento em que o próprio Santa completa 43 anos de existência, o leitor tem acesso a uma seleção das melhores crônicas publicadas no período – a maior parte escolhida pelos autores.

A atualidade dos temas espantarão os que terão contato com o material pela primeira vez. Aqueles que acompanharam o jornal durante todos esses anos terão a oportunidade de refletir sobre discussões passadas e emocionar-se uma segunda vez com a delicadeza e profundidade de alguns dos textos.

Boa leitura.

**ANAMARIA
KOVÁCS**



Anamaria Kovács estreou nas páginas do Santa em 2004, já na primeira turma de cronistas rotativos.

Permaneceu escrevendo semanalmente às quintas-feiras até 2012.

Em seus textos aborda com delicadeza e inteligência temas variados do cotidiano.

Trahei conhecimento com esses bolinhos numa manhã gelada deste outono tão seco, na acolhedora sala de professores da Escola Básica Municipal Tiradentes, que visitei dentro da programação do Projeto Autor-Escola. Estavam gostosos, e fiquei imaginando quem os teria batizado com esse nome tão sugestivo.

Finalmente, matamos a saudade da chuva, do seu tamborilar monótono nos vidros das janelas, do céu suavemente acinzentado, do aconchego de uma sala quentinha, em boa companhia, talvez uma música suave tocando ao fundo... Por outro lado, as crianças, privadas das brincadeiras na rua ou no quintal, torcem para que a chuva pare e o sol retome o seu lugar no céu. Para acabar com a bagunça, uma mãe, ou tia, ou avó inteligente sugere, no meio da algazarra: "Vamos fazer bolinhos de chuva?" E as crianças imaginam os pingos de água transformados em mel, ou chocolate, a escorrer garganta abaixo...

Na cozinha – uma dessas antigas, com móveis de madeira de verdade, espaçosa e cheia de mistérios aromáticos – começa o preparo dos bolinhos, cujos ingredientes que desconheço – acabam incluindo risadas, traquinagens, uma zanga meio artificial e o fim do tédio

das crianças. A massa vai chegando ao ponto, as crianças, curiosas, espiam e fazem mil perguntas, daquele seu jeito característico: por que é assim? O que entra agora? Finalmente, vem a última etapa, a fritura. Carinhas gulosas amontoam-se em torno da cozinheira, olinhos brilhantes seguem seus movimentos. A chuva foi esquecida, o calor do fogão acende rosas nas faces dos pequenos.

Bolinhos de chuva, feitos de alegria inconsequente, de felicidade despreocupada – ingredientes tão raros no nosso mundo, e tão preciosos, principalmente nas crianças de hoje, apresentadas desde cedo à violência, ao egoísmo e a toda a feiúra que faz parte do mundo adulto...

25 de maio de 2006

BOLINHOS DE CHUVA

A GARÇA

Todos os dias, pela manhã e à tarde, ela cruza o céu sobre a minha casa. Primeiro, vai, mais tarde, volta. Às vezes, vem sozinha, outras, acompanhada de outra garça branca. Voa, como todas as de sua espécie, com as patas juntas, estendidas, o longo pescoço encolhido e as asas batendo vigorosamente. Olha para seu alvo com determinação, não se desvia da rota, e segue reta e calma para algum lugar desconhecido. Imagino que seja uma das lagoas próximas, onde talvez haja alguma água, uns peixinhos minguados e sapos à beira da extinção.

A primeira vez que a vi, foi uma surpresa, até mesmo porque os queridos, abundantes por aqui, não se atreveram a expulsá-la de seu território aos gritos, como fazem com as outras aves, gaviões inclusive. Ela passou, riscando o azul do céu com seu corpo branco, como mais uma nuvem, viva e pulsante. Depois, passei a esperá-la, tal como a raposa cativada pelo Pequeno Príncipe de St-Exupéry. Ela nem desconfia que me cativou e também não se importaria, se soubesse. De que lhe valem os seres humanos, se não para dificultar sua sobrevivência?

A garça não tem horário, não respeita os relógios mecânicos ou digitais. Obedece às leis da Natureza, que desprezamos. Às vezes, surge bem cedo, pouco antes do sol, mas já a vi no céu no meio da manhã; à tarde, volta para casa

– ou para o ninho – à luz difusa do crepúsculo.

Preocupa-me o destino da garça; por quanto tempo habitará o azul do céu e as águas das lagoas? Até quando encontrará alimento, para si e sua prole? Estamos gastando irracionalmente a água que resta, arrastando para a morte, junto conosco, todos os seres que nela habitam.

Dificilmente alguém se importa com garças, peixes, sapos, lagoas. Junto ao loteamento onde moro, uma nascente foi assassinada a golpes de trator, pedras, terra. Só o lucro importa, a venda de terras, a construção de mais e mais imóveis. As garças estão condenadas, mas, o que ninguém percebe, é que morreremos também.

31 de agosto de 2006

JANDYR NASCIMENTO



ESTRELINHAS

CGanhei outro dia, de um amigo, uma sacola cheia de infância: carambolas colhidas num quintal. Elas me levaram direto para o meu Rio de Janeiro, devorando minha fruta favorita. Não o eram tanto pelo sabor um pouco acre; o que me encantava, mesmo, era aquele formato diferente, de laranja virada do avesso.

Carambolas eram raras na minha cidade, onde os quintais ficavam longe, e ninguém se importava em cultivá-las comercialmente. De vez em quando, eram oferecidas na feira perto da minha casa. Então eram imediatamente lavadas, fatiadas e transformadas em compota por minha avó. Que festa! À sobremesa do jantar – sim, naqueles tempos jantava-se! – lá estavam elas, boiando na calda doce, em formato de estrelinhas douradas, grandes, médias, pequeninas...

– Pára de brincar, menina, que comida não é brinquedo! – ralhavam, enquanto eu arrumava todas aquelas estrelas em caprichosas constelações, na beirada da tigela. Passaram-se décadas, antes que as carambolas entrassem de novo em minha vida. Descobri uma torta coberta com elas, numa confeitoria de Blumenau. Gostosa, sim, mas não era a mesma coisa.

As estrelas, confinadas num creme transparente, pareciam sonhos aprisionados.

Compreende-se, portanto, a minha alegria ao deparar com as frutas fresquinhas e maduras. A anos de distância de minha avó, chegou a minha vez de preparar a famosa compota. A receita é simples: calda de açúcar, cravo, canela, e as mágicas estrelinhas douradas. Depois de pronta, entre uma colherada e outra, misturado ao sabor agrioce da fruta e ao prazer da infância, senti também, discretamente, o travo amargo da saudade...

12 de abril de 2007

Ela tem belos olhos cor de mel e pelagem preta, com exceção de uma cicatriz no meio das costas, proveniente, segundo a veterinária, de maus tratos, provavelmente água quente que alguém lhe atirou. Também constatei que se encolhe toda vez que se pega numa vassoura. Pode ser também que tenha sido atropelada. Não tem raça definida, mas parece que um de seus pais foi um “schnauzer”. Suas pernas são altas e as de trás, um pouco tortas. Quem procura nela algum traço de beleza externa, terá certa dificuldade. Em compensação, é uma cadela dócil, meiga e amorosa – e, desde que se ambientou em minha casa, demonstrou sua felicidade em loucas correrias pelo gramado e latidos alegres.

Desde que moro em Blumenau, os cães fizeram parte da minha família, durante quase um quarto de século; o primeiro foi Xereta, outro vira-lata maravilhoso, que nos acompanhou por 12 anos. Alguns anos depois de sua morte, ganhamos de presente uma bolinha de pelos pretos, que depois se transformaram num cinza escuro. Era Bobby, um poodle pequeno e vivaz, exímio caçador de passarinhos e grande companheiro. Foram outros doze anos em sua companhia, que terminaram tragicamente em 2007. Bobby foi “assassinado” por outro cão, cujo território ele ousou invadir. Sua ausência criou um vácuo na casa e no meu coração. Somente agora, criei coragem para arriscar novo compromisso. E foi assim que Diana

entrou na minha vida.

Não foi difícil encontrá-la. Dois telefonemas e uma visita à veterinária onde estava hospedada bastaram; aqueles olhos cor de mel conquistaram meu coração. Não consigo entender por que foi abandonada – terá sido por não corresponder à expectativa de beleza dos antigos donos? E os maus-tratos, evidenciados pela marca nas costas e seu temperamento arisco diante de uma vassoura? O que os terá motivado?

Enquanto escrevo, Diana está enrolada no tapete atrás de mim, dormindo a sono solto. Está tranquila. Parece que percebe, instintivamente, que aqui ninguém lhe fará mal; não jogarão água quente em suas costas, não a perseguirão a vassouradas, não a deixarão passar fome e sede, frio e medo. Enquanto isso, centenas de cães sofrem com a crueldade e insensibilidade dos seres humanos, capazes de jogar filhotes na rua através da janela de um carro em movimento e outras barbaridades. Às vezes, as circunstâncias obrigam os donos de um animal a desfazer-se dele. No entanto, não é preciso condená-lo à morte por isso; por que não lhe dar uma oportunidade de ser feliz num outro lar?

27 de agosto de 2009

A ADOÇÃO DE DIANA



EM VEZ DO SOM DOS CARROS, OUVIA-SE APENAS O BARULHO DAS ONDAS E O PIO DAS GAIVOTAS

Num documentário televisivo intitulado “O Mundo Sem Ninguém”, especulava-se quanto tempo durariam as obras da nossa civilização se a Humanidade desaparecesse de repente. Naquele hipotético mundo deserto de humanos, ouvir-se-iam apenas os sons dos animais, enquanto a vegetação e as intempéries se encarregariam de destruir – até bem depressa, segundo os produtores do programa – as edificações, monumentos, estradas, pontes, etc.

Em vez de pensar nesse hipotético futuro, acabei voltando ao passado, relativamente recente, em que as praias catarinenses não ostentavam aquela muralha de edifícios cercando o mar, algo inimaginável para os mais jovens. E muita gente nem se lembra mais da tranquilidade do passeio até lá, sem engarrafamentos quilométricos e exasperantes. A estadia não era pontuada por filas para fazer compras, a areia e o mar não ficavam abarrotados de pessoas.

Em vez do som dos carros, ouvia-se apenas o barulho das ondas e o pio das gaivotas. A praia não era totalmente deserta, mas a areia era limpa, e as águas ainda estavam livres de coliformes fecais. Falando em água... Havia até água escorrendo das torneiras, embora as casas fossem simples, a maioria de madeira. Só passei por este paraíso uma vez ou duas, quando de visita a parentes em Blumenau.

Nunca tive nem quis ter uma casa na praia. Frequentei as areias de Copacabana e Ipanema, numa época em que também eram mais agradáveis, limpas e menos apinhadas que hoje, e quando os “ratos de

A PRAIA SEM NINGUÉM

praia” – moleques que roubavam pertences abandonados na areia – ainda eram raros e relativamente inofensivos. Também no Rio as coisas mudaram bastante, e já se enfrentam situações desagradáveis em troca do simples prazer de curtir algumas horas de sol e mar.

Sei que ainda existem pontos do extenso litoral brasileiro, locais de difícil acesso, que, por enquanto, estão livres dessa avalanche humana que se precipita sobre as praias todo verão. Justamente por não serem facilmente acessíveis estão, por enquanto, quase intocadas. Lamento que essas praias, selvagens e encantadoras, acabem sucumbindo, mais cedo ou mais tarde, à ganância das imobiliárias, das companhias de turismo e outros empreendedores que, ao acenarem com a possibilidade de mais empregos para a população e progresso econômico, acabam destruindo nosso patrimônio natural.

Não demorará muito, e não restarão mais praias sem ninguém, onde se pode afundar os pés em areia fofa e limpa, mergulhar em águas claras e bronzejar-se ao som das ondas e da algazarra das gaivotas...

7 de janeiro de 2010

IDENTIDADE

Há uma estatística afirmando possuirmos mais CTGs que o Rio Grande do Sul. Devemos mesmo combater essas investidas de outras etnias? Nessas ocasiões sempre me ocorre a velha característica “catarina”: realmente não temos uma identidade comum a todos os barrigas-verdes. Vira e mexe, nos damos cota de um certo nada a ver cultural entre nossas regiões. Oeste, Planalto, Norte, Vale, Sul, Litoral e a Ilha de Santa Catarina precisam de vez em quando ser apresentados entre si... Tudo bem, mas é grave?

Bem, como a atipicidade é coisa pra sociólogo, devia evitar tais ilações, mas arrisco um palpite. Talvez a Capital seja mesmo a causa dessa disparidade. Não vai aqui nenhuma bronca com a hoje charmosa Floripa, mas se o caso é achar um culpado, ela tem historicamente lá seus pecados. A começar pelo acidente geográfico que lhe confere certo isolamento...

Quem viveu a época em que se partindo de qualquer ponto do Estado só se chegava a ela após duríssimas horas de provação, nas piores estradas que um governo poderia oferecer, vai concordar. E ao alcançá-la, descobria-se logo sua fraca liderança infectada pela má política, a pouca propensão para oferecer soluções e um atraso gritante com relação às capitais vizinhas. Aí cada um passou a cuidar do seu nariz... Quando finalmente todos fomos interligados pelo asfalto, era tarde.

Hoje, deslizar até nossa bela Ilha virou basicamente turismo. As regiões não têm com a sede aquele tipo de elo como nos outros estados. Por isso quando nossos, “alemães”, “italianos” ou “portugueses”, acolhem CTGs ou outras idiossincrasias forasteiras estão apenas sendo naturais, pois como durante muito tempo estiveram impossibilitados de se visitar, acabaram por não desenvolver uma identidade catarina comum. E daí? Essa permeabilidade é assim tão grave? Acho que não. Se há simpatizantes...

Só sou contra a “forçação” de barra. Aliás, pra mim, a prova incontestável de que somos uma colcha de retalhos cultural está nas torcidas de Figueirense e Avaí.

Mal passam do “Estreitcho”.

23 de setembro de 2005

**CAO
HERING**



Publicitário de formação, Cao Hering publica charges diárias e a tira semanal Ralf und Rolf no Santa. Desde 2004 escreve crônicas ácidas e bem-humoradas sobre o Vale do Itajaí e a política nacional para o espaço de cronistas rotativos.

BEATLES

Quando adolescente, li numa revista Seleções artigo de uma mãe discorrendo sobre o fenômeno Beatles - então uma fantástica e recente explosão pop em pleno e acelerado processo de desmonte do convencional. Aquela mãe falava sobre a fissura quase histérica da filha, a moda posta de ponta-cabeça, o frisson antes dos shows, a irreverência nos comentários daqueles ingleses, essas coisas. Para se ter uma medida da loucura, a filha afirmava ter uma amiga cuja prima certa vez tocou em Paul McCartney. Até o final do texto a articulista me fez apostar em uma paulada nos cabeludos – pois naqueles dias só se ouvia isso das pessoas mais velhas, todas vindas de acasalamentos feitos com lentos romances ao som de Glenn Miller. Aí fiquei surpreso quando ela arrematou agradecendo aos céus por os Beatles existirem e o empuxo sadio que davam aos jovens naquele momento. Eu, junto com o resto do planeta, fui um dos contaminados, claro.

Quatro décadas depois assisto a uma apresentação espetacular de quatro argentinos – The Beats, que fazem um inacreditável e premiado cover dos Beatles – e ainda me espanto com o que foi esse desconcertante fenômeno. Um fenômeno definido por John Lennon pelo avesso, de forma simples e genial, no momento em que a banda foi desmontada: “o sonho acabou”. E também me espanto com as platéias de agora, sempre feitas de uma porção espantosa de jovens, com essas letras antigas

espantosamente na ponta da língua.

Não se preocupem, não vou tentar definir a beatlemania. Todos já definiram e ao mesmo tempo ninguém conseguiu. (Êpa! Isso aí já é uma definição). O intrigante neles é esse incrível poder de cruzar o tempo, pois se observarmos outros sucessos populares de grande envergadura, praticamente todos saíram irreversivelmente de moda. Ou, pior, caíram no ridículo.

Voltemos aos Beats. Os quatro clones argentinos fazem algo espetacularmente cruel com os mais velhos, contemporâneos dos originais. Arrastam-nos para a terra dos Beatles e nos fazem pensar por um instante estarmos mais uma vez numa canoa em um rio margeado com tangerineiras sob um céu de marmelada, tal a perfeição da performance. Nos levam para Penny Lane, nos fazem cruzar a Abbey Road e nos avisam estarmos – nós, eles não – perto dos sixty four. O “John” é um sósia chegando ao inacreditável, no rosto e na voz. E se você fechar os olhos, já não

é mais um sósia, é uma reencarnação.

Durante o show, vez ou outra pensei estar sendo descaradamente enganado com algum playback roubado da Apple, tal a perfeição dos arranjos. E entre esse sonha-e-acorda, minha saudade me fez lembrar de tudo outra vez (oops!, isso é Roberto Carlos). Lembrar da irreverência, ao afirmar serem mais populares que Cristo. Da segurança de Lennon em casar com a feiosa Yoko Ono, quando poderia ter qualquer beldade a seus pés. Das incursões à Índia buscando a paz verdadeira. Daquelas roupas amalucadas com flores e cores fortíssimas, que imitávamos sem a menor cerimônia. Das cabeleiras... ah, essas então. Cabeleiras... O que tanto perturba ou encanta numa cabeleira humana?

Como aquela mãe, eu também acho que devia agradecer aos Beatles por ter sido contemporâneo e tragado por sua forte corrente de sons - doces, rascantes, psicodélicos, inesperados; por ter aprendido com eles um pouco de ousadia. Com sua clonagem perfeita os Beats também devem ter sacudido o

júri em Liverpool quando foram escolhidos a melhor banda cover do mundo. É, temos lá nossas pendengas com los hermanos, mas esses caras são realmente craques.

Meu amigo Cláudio Letzow, outro fã que foi ao Teatro Carlos Gomes, mandou um e-mail dizendo ter sido arrancado do passado durante o show, quando um deles largou um “por supuesto” em meio àquela metamorfose, fazendo-o cair na real. Talvez este contraste inesperado seja na verdade um mecanismo salvador, pois embora os Beatles tenham se tatuado tão forte em nós, hoje não devem ser nada mais que sonhados. Imaginar obsessivamente que ainda estão aí, não seria um privilégio, mas um estorvo em nossas almas.

O sonho acabou.

5 de agosto de 2006

BICICLETA

A porta se abriu, a cena trazia algo de sobrenatural. O calor de dezembro multiplicado pelas velinhas multicolores e o aroma penetrante da parafina preenchiam a sala sem ar-condicionado. A respiração era difícil, mais pela emoção que pela densa atmosfera. O coral de "Oh Tannenbaum" – tocado à exaustão pela Rádio Clube durante todo o mês de dezembro – conseguia ser mais uma vez comovente e levar a imaginação para alguma fronteira misteriosa, um suposto Papai Noel, a comemoração de um Salvador.

Havia pacotes menores sob o pinheirinho e dois maiores um tanto disfarçados junto à parede, prenunciando uma meio aguardada surpresa. Meu irmão e eu agarramos com vontade os embrulhos fortemente enrolados em grosso papel com barbante e iniciamos cada um sua batalha, tudo prazerosamente observado por nossos pais. No segundo ou terceiro rasgão, lembro bem, surgiu a ponta de um guidom. Era o Natal das nossas primeiras bicicletas.

Descemos atabalhoadamente as escadas para estreá-las na Rua XV, ainda morávamos lá, mas tive o sonho adiado. Uma haste das rodinhas de apoio não suportou a tosca tecnologia da época, e a consequente espera por três longos dias pela solda foi uma

tormenta.

Finalmente, no dia 28, pude deslizar com minha bicicleta pela rua de nossa futura residência, a Curt Hering, e, aos sete anos, descobri num misto de chateação, euforia e surpresa, nem precisar daquele auxílio, já sabia me equilibrar.

Ah, a nova fase! A bicicleta é o primeiro e real experimento de liberdade para um menino, coração aos pulos, é o avanço maior pela calçada, a entrada na viela desconhecida, a ida à escola sem interferências, um grande passo para começar a desvendar o mundo. A bicicleta vira companheira, cúmplice de pequenas e depois cada vez maiores aventuras, quase um ente vivo.

Alguns Natais depois minha bicicleta aumentou de tamanho. Mesmo com a visão diametralmente oposta à da águia, não lembro ter me metido em algum sufoco mais grave pelas ruas de Blumenau. Claro, a cidade tinha menos automóveis, mais lentos, mesmo assim era notável o convívio pacífico da frota com nosso enxame sobre duas

rodas, tão característico. Os episódios com minha bicicleta não caberiam aqui e vocês, caros e pacientes leitores, não haveriam de querer sabê-los, pois, certamente também os tiveram. E vamos mais uma vez de jargão: os tempos mudaram.

Não sou o chato com lamúrias pela perda dos tais bons tempos, mas hoje é impossível não reclamar da disparidade na evolução da cidade e da bicicleta, aliás, "bike", como a galera colonizada adooooora dizer. As duas se modernizaram, mas a cidade ignorou quem gosta de pedalar.

Hoje minha última bicicleta – oops, bike – está guardada. É um belo espécime. Seus gordos pneus quase de jipe não se intimidariam com qualquer meio-fio ou pedregulho, e o quadro com grossos canos de "liga", já não acomodariam a bunda de uma dama por causa da arrojada inclinação. Há engrenagens e cabos por tudo, e os freios, desconfio, têm o desempenho de um ABS. Se em criança deslizava com minha bicicleta, hoje tenho vontade de sair voando

com minha superbike. Mas não dá. Experimente meter-se no que aqui se convencionou chamar de ciclovias ou ciclofaixas. E por amor à vida, descarte as ruas. Não se meta a besta com a sanha homicida dos nossos motoristas...

No próximo Natal uma porta se abrirá, tudo será muito natural, o pinheiro sintético com luzes de "led", a enorme tela em LCD, a mensagem de Papai Noel em tempo real direto da Lapônia, o split regulado para confortáveis 20 graus e "I wish you a Merry Chrismas" didjeizado no surround. Algum menino de sete anos olhará a superbike novinha em folha, mas preferirá o "PlayStation" com simulador de "bicicross".

Da rua virá uma forte freada.

19 de março de 2011

JUSTINE

HOMENAGEM A UMA AMIGA

Quando se dava um tempo para avaliar as águas roladas em seu pouco mais de meio século, Justine sempre resumia para si uma conta bastante positiva: dois filhos, quatro netos, polivalência para o trabalho e uma perseverança férrea em seus focos. Em tempos de rica e casada, teve a filha nos Estados Unidos e, de volta, além do outro rebento tido em ambiente de muito conforto, acrescentou ao seu currículo de instrumentadora na adolescência o sucesso com a decoração de interiores, artista plástica e apresentadora de televisão. E, sabe-se lá como, ainda tinha tempo e mão fina para a culinária. Seus jantares, comandados por ela própria desde as exigências com o verdureiro até a apresentação dos pratos, faziam o regalo da divertida e sempre intensa roda de amigos. O bom gosto nas coisas mais simples e a naturalidade estudada no vestir faziam Justine provocar um discreto rastro de olhares, suficientes para lhe assegurar a sensação de poder, necessária a toda mulher. Ela não pertencia aos infelizes.

Apaixonar-se pela publicidade foi fácil, pois, com o fim do casamento e vivendo agora onde passara sua juventude, o Leblon, era a profissão talhada para um vulcão de criatividade. Saiu-se bem e, filhos encaminhados, conheceu ainda melhor, e como poucos, o mundo em companhia de um novo amor. Mas há a “ferrugem” imposta pelo tempo e, em sua segunda solidão, decidiu levar sua bagagem, como docente - na condição de mestra, claro -, simultaneamente

a três faculdades de comunicação. Anos de realização se acumularam na bem sucedida atividade, e Justine pegou-se novamente questionada: por onde teria ficado a saborosa carga horária reservada para flertar com a vida? A cachorrinha a olhava curiosa quando, altas horas, chegava ao apartamento derramando centos de provas sobre a escrivaninha. Não via nisso exatamente um revés, mas...

Ultimamente, no pouco tempo disponível para a praia, eram recorrentes as cenas do seu namoro adolescente (que a fez mulher) quando pousava o olhar nos corpos torneados dos surfistas com seus dragões tatuados e corpos no espaço. Quem encontrou quem no Facebook seria difícil determinar, pois, os que um dia se fantasiaram de almas gêmeas mantêm uma misteriosa sintonia. E a voz ao telefone, depois de alguma coragem, era, sim, uma volta aos furtivos e ofegantes arroubos imaturos. No combinado encontro entre duas aulas de redação – boné e

calva – quase não o reconheceu.

Na aflição da cantina, porém, segura de sua habilidade, convidou-o para um jantar. Ele enxugou a louça, e mais tarde seu corpo semiencoberto. Quase nada se modificou em quase quarenta anos...

Descasado, perto dos sessenta e aposentado voluntariamente desde os 53, propôs-lhe uma vida a dois. Ela meditou horas sobre a sugestão em sua eclética biblioteca e, servindo um negroni, acomodou-se no bem decorado living de onde se via o Redentor, “ai que lindo”. Mas um despojo nele lhe sinalizava algo torto. Resolveu, mesmo assim, topar o convite para saber como morava em Barra de Guaratiba o ex-garoto de praia dos seus anos dourados. Na vila, assustou-se com a sala integralmente tomada pela velha moto apoiada na parede. E na cozinha tudo era um: prato, copo, xícara, garfo, faca... Um fogão velho, uma geladeira velha, um computador velho, um ar-condicionado velho rejuntado com trapos, o odor de uma enorme cachorra, o vinho em garrafão e um calor insuportável, era esse o resumo da morada sem cortinas.

Descobriu-o estagnado nos desbunde estéril dos anos 70, enquanto acertava com o joelho as duas camas de solteiro, para fazê-las de casal. Repentinamente,

num clichê vindo do nada, revelou um pueril desprezo pelo “imperialismo ianque” e discursou que o Pentágono fora estourado pelos próprios. Então reforçou sua proposta: ela venderia tudo e sairiam os dois na velha moto por esse mundo, vivendo de amor de cabana em cabana.

Discutiram. Ele dizia ainda ter um sonho. Ela lhe avisou ter tornado os seus realidade. Acordou às cinco da manhã com o sol no rosto e as costas em brasa pelo colchão duro, também velho. Depois do café – “pode usar a xícara primeiro” –, purgou na estrada por hora e meia sua volta pra casa. Justine chorou. Ainda não era meia-dia ao tomar o elevador do apartamento dos pais. Abriu a porta. O aroma de festa, tão próprio dos coloridos domingos de Páscoa, e a algazarra dos avós e netos preencheram vorazmente seu peito. Gritou de felicidade. Justine não pertencia aos infelizes.

18 de junho de 2011

FAHRENHEIT

Recebi alguns e-mails discordantes com a coluna “Universitários” na qual me refiro aos arremedos oferecidos hoje pela indústria fonográfica a um público despreparado. Nela também cito comparativamente composições – incontestes obras-primas – de uma época determinante da nossa MPB. Um leitor sugeriu revisão em meus conceitos sobre produtos como esse de Michel Teló, pois “foi citado pela revista Forbes”, além disso, seu hit “Ai, Se Eu Te Pego” ainda teve inúmeras versões países afora... Uma gaiatice coletiva, no meu entender. Ao final, disse ter pedido à filha que ouvisse e comentasse “Construção” de Chico Buarque – composição classificada entre as melhores do século 20 e usada como exemplo na crônica. Sua avaliação: “Que bosta!”. Arrematou a missiva, presumivelmente em ares orgulhosos, com: “É isso ai, meu amigo, o mundo mudou, só você não”.

Tudo bem, a tribuna aqui é livre e rebotes de leitores são saudáveis – e bem-vindos –, posto que ninguém detém a verdade absoluta, além disso são propulsores para novas colunas. Mas deixa ver se entendi. Se a mudança do mundo está na rejeição de obras desse calibre só porque foram criadas no passado, cabe questionar quando chegaremos a ser a pretendida nação-referência? Mesmo com o PIB orgulhosamente ultrapassando o da Grã-Bretanha, conforme ufanos recentes.

Não adianta ter a caixa cheia e a cachola

vazia. Está tudo interligado (pô, esse pessoal me obriga a dizer obviedades!), os alicerces estão justamente na arte, nos críticos, nos pensadores e nas suas contribuições ao longo da história. É um empilhamento de experiências. Se desprezarmos esse passado em detrimento de modismos do naipe de Teló, acabaremos por não ter capacidade para reverter um PIB maior que o da Grã-Bretanha em referência de coisa alguma. Seguiremos sendo um país de peões sem a perspectiva de um único Prêmio Nobel.

Nessa trotada, acabaremos por acreditar que as mudanças do mundo estão em “ai, se eu te pego”, e tudo terminará numa paródia tupiniquim de “Fahrenheit 451” em que mandaremos para a fogueira as “bostas” musicais de Noel Rosa, Carlos Gomes, Lupicínio e Vinicius. Na literatura também incendiaríamos os excrementos machadianos com todas suas memórias póstumas e ainda certo personagem sem caráter de Mário de Andrade.

Nosso Fahrenheit ainda seria reabastecido com Tarsila, Manabu, Volpi e Portinari. E, para transformar definitivamente nosso passado em cinzas, derramaríamos sobre as chamas Navalha na Carne e a Ópera do Malandro.

Em tempo (Wikipédia): “Fahrenheit 451” é obra clássica de Ray Bradbury, escrita em 1963, que virou filme. Nele, num futuro hipotético, os livros e toda forma de escrita são proibidos por um regime totalitário, sob o argumento de que fazem as pessoas infelizes e improdutivas. Se alguém é flagrado lendo, é preso e “reeducado”. Se uma casa tem muitos livros é denunciada e... incendiada.

O número 451 refere-se à temperatura na qual, na escala Fahrenheit, o papel ou o livro se incendeia. Na escala Celsius

são 178°.

Assim, aqui na terrinha, depois de uma eventual pira asséptica, provavelmente seríamos “reeducados” com literatura de autoajuda, peças caça-níqueis desempenhadas por artistas de novelas do momento, poesias com versos como “pousei meu olhar no infinito” e pinturas com casinha, riacho, morro e sol. Ah, sim, e Telós no topo das paradas.

Nosso Fahrenheit talvez devesse levar o número 51. Seria mais condizente com o porre permanente e geral da Nação.

3 de fevereiro de 2012

DARWIN

DECIFRA A MOTO

DPor que os ursos polares são brancos? Porque o branco os confunde com a neve. Urso escuro sobre neve branca é um outdor ou escrito "alvo". Na natureza, características negativas - frutos do acaso - desaparecem, paulatinamente. Permanecesse inalterado o cenário atual por algumas gerações e os motoqueiros desapareceriam! Prevaleceria a descendência dos que tem um medo hereditário de subir em motos. Daqueles que não se emocionam com esta máquina assassina.

A moto fascina, atrai e mata! Mata ou mutila os mais jovens, homens geralmente; entre estes os mais corajosos e imprudentes primeiro, aqueles que sentem prazer no bafo pútrido da morte em seus cangotes, apostando suas vidas em manobras suicidas.

Em primeiríssimo lugar, desapareceriam os que reúnam genes com gosto por moto, manobras radicais e cervejinha. Esta combinação é poderosa. Quem, entre colunas de veículos em movimento, desafia as leis do trânsito e da física, estatisticamente tem menor chance de deixar descendência.

Entre os desaparecidos, a maioria seria dos mais pobres, infelizmente. Dependentes da moto como instrumento de trabalho, obrigados a arriscar a vida para entregar um lanche, uma pizza. Conduzir apressadinhos que preferem o "moto-táxi" ao ônibus. Pobreza (tanto de meios como de espírito), seletivamente significa menor capacidade de adaptação ao meio: moto custa menos (em dinheiro!) que um carrinho.

Um carrinho, com suas latas, protege bem mais que uma moto; com suas quatro rodas evita quedas fatais. Até bêbado se sai melhor de carro que de moto!

Incauta, a sociedade não faz as contas e julga esta prática economicamente desejável; assistem indiferentes a mais este processo de extinção. Na selva sobrevive e deixa prole quem estiver melhor adaptado, quem menos abusa da sorte. O trânsito brasileiro está uma selva; aparentemente sem lei. Se no cumprimento da lei negligenciam as autoridades, a natureza não.

A seleção natural, trabalhando em silêncio ao longo de gerações, depuraria este trânsito indisciplinado. Ao final do processo, sobraria uma espécie sapiens sapiens retemperada, sem temor de bafômetro, de blitz e até de pardal.

27 de setembro de 2004

**CEZAR
ZILLIG**



Médico neurologista e escritor, Cezar Zillig integrou a primeira turma de cronistas do Santa, em 2004, e permanece publicando textos às segundas-feiras até hoje.

É um observador do cotidiano e do comportamento em sociedade.

FAIXA DE SEGURANÇA TESTA SUA CIDADANIA

Dianete do cidadão, a faixa zebrada. Ela concede-lhe a prioridade sobre os veículos que passam. É um direito anotado no próprio chão. A faixa de segurança é um teste permanente de cidadania. Passivo, o pedestre espera que os outros reconheçam o seu direito. Resignado, descobre que o direito que tem é bem menor que o suposto. Apesar da solenidade dos códigos, estatutos e leis, direitos devem ser exigidos, batalhados!

O real problema é a displicência na defesa de direitos. Cada veículo que passa prepotente é um transgressor; e as transgressões se sucedem velozes, em geral acima da velocidade permitida. A autoridade, se presencia indiferente ao ato, é negligente. (Autoridades, antes de cumprir leis, reagem segundo o senso comum; "cada povo tem o governo que merece!").

Os circunstantes indiferentes são cúmplices. Afinal, eles mesmos consentem em serem vilipendiados da mesma forma. É "normal", se iludem. Uma sociedade cujos cidadãos não cumprem as próprias leis, não defendem legítimos direitos, toleram autoridades negligentes, etc. é uma sociedade doente. A felicidade, não medra em tal solo.

Quem não zela por pequenos direitos acaba também sem grandes direitos: Tem 40% de sua renda confiscada e não tem escola, não tem saúde, não tem estradas.

Não tem sobretudo segurança. Em querendo-os, que pague por fora. Passivo, tolera a bitributação. Medindo tudo da perspectiva econômica, o cidadão não reconhece valores mais sublimes.

Não enxerga a benfazeja mágica que decorre do respeito ao direito do próximo. Imediatista, não considera a seqüência, onde os papéis se invertem. Acaba vítima de si mesmo. Não respeitar leis é equívoco grave. Ao deixar seu automóvel, o motorista prepotente desembarca em meio à miséria que fomenta; de pronto se vê pedestre destituído. Na cabeceira da faixa zebrada, finge não ver o tanto que o desconsideram!

27 de setembro de 2004

PATRICK RODRIGUES



SILICONE: EFEITOS COLATERAIS.

O elevador lotado não a intimidou: a baixinha peituda encheu o tórax, apontou, como uma proa - proa de catamarã -, suas proeminências para a pequena multidão e adentrou gloriosa. Era óbvia a exibição; deixar de apreciar, configuraria verdadeira des cortesia. Baixinha! Os olhares, todos vindos de cima e parecendo não ter onde se agarrar, deslizaram decote abai xo.

Embora nenhuma palavra tenha sido dita, a unanimidade era óbvia: silicone! Será? Será que os vistosos atributos da baixinha não passavam de bijuteria? Embuste? Engodo? Certeza mesmo, só botando a mão! Portanto, exceto para um (ou alguns quantos) que tenha acesso, a dúvida paira. O silicone, além de ludibriar a fauna masculina, faz um estrago irreparável na reputação de todas as mulheres. As realmente esculturais são as mais prejudicadas.

De ora em diante, serão sempre confundidas com o silicone e suspeitas de fraude. Esta prática trouxe uma inevitável desvalorização do patrimônio estético das legítimas beldades. Caso típico de danos morais: encarar, com risinho sardônico, portadoras de um belo exemplar – ou “exemplar?” – de seios, supondo tratar-se de silicone apenas.

A ala viril também pode se dar por prejudicada caso tenha sido atraída por curvas que venham a se revelar falsas.

Neste caso o delito seria aparentado com a falsidade ideológica, onde o prejudicado leva gato por lebre. A única situação eticamente defensável é quando o silicone vem ao encontro de ambas as partes: depois de muita e monótona quilometragem, o casal resolve substituir por borracha sintética tecidos que ou desapareceram, ou não expandem mais. Aí, tudo bem. A fantasia é arquitetada de comum acordo e será para a felicidade geral. A elasticidade do silicone ajuda a aglutinar o que supostamente só a morte deve separar.

13 de junho de 2005

Foi uma espécie de semideus entre destemidos pilotos de caça dos primórdios da aviação, na primeira grande guerra. Era o ás dos ás, Le Diable Rouge. Semideus ainda entre seus inimigos. Richthofen é um eminent ponto de referência na história de todas as guerras, um ícone da aviação de combate.

Pertence a um cenário em que se lutaram batalhas de vida e morte com nobreza, onde fidalgos se enfrentavam com respeito mútuo e sem ódio, algo impensável nestes dias de homens bomba. Manfred Albrecht Freiherr von Richthofen foi abatido nos céus da França em 21 de abril de 1918. Tinha 26 anos incompletos e havia derrubado 80 aviões inimigos. Foi carinhosamente recolhido pelos seus adversários que lhe concederam um funeral com honras militares, como se fosse um dos seus.

Naqueles primeiros tempos da aviação de guerra, com tudo por se fazer, ainda não havia regras de uniformização. Os pilotos podiam pintar seus aviões a seu bel prazer. Richthofen pilotava um triplano todo encarnado, razão pela qual passou a ser conhecido como “Barão Vermelho”. Seu temível Fokker voará para sempre na memória universal como exemplo do que um homem é capaz em termos de coragem e sacrifício quando sente que sua tribo, sua pátria, corre

VON RICHTHOFEN

perigo.

A fantástica vida e a heróica morte de Richthofen é um permanente fascínio pendente entre a história e a lenda. A jovem e perturbada Suzane, ao desferir traiçoeiros golpes contra seus pais, além de perpetrar um hediondo parricídio, maculou de forma indelével o grande nome de sua família. A lei prevê que parricidas percam o direito à herança deixada pelas suas vítimas. Suzane, além de perder os bens que tanto cobiçava, deveria perder o direito de portar o nome Richthofen, por absoluta incompatibilidade com seus ancestrais.

Ou talvez não. Talvez Suzane seja apenas mais um exemplo da glória e da miséria que compartilham a alma humana. Um eterno caldeirão onde borbulha um viscoso caldo com o DNA de Caim e Abel. Arcanjos e demônios estão todos lá. A cada um cabe decidir a quem nutrit.

24 de abril de 2006

A FESTA A VIDA

E pelo que se vê, é uma festa boa, pois ninguém tem pressa em se retirar. A maioria pretende ficar até bem tarde, extraír o máximo desta farra. A vida e as festas descrevem uma curva em forma de sino: há uma fase de aquecimento, de ascendência, um auge seguido do declínio. No clímax, o agito é total e os participantes exultam em êxtase. É o melhor da festa onde a felicidade é quase uma constante.

Nesta fase, o desejo de todos é que a festa não acabe nunca e deseja-se viver eternamente. Ocorre ser impossível manter o clímax indefinidamente (os baianos até que tentam: durante os carnavais, negam-se a aceitar que a festa está acabando e avançam pela Quarta-feira de Cinzas, mas acabam finalmente caindo pelas tabelas enquanto a felicidade esmorece).

Os salões se esvaziam.

Os amigos se vão: uns se despedem, outros saem de fininho, à francesa, e quando se dá pela coisa só restam uns gatos pingados que não mais conseguem sustentar o brilho, a exultação do clímax. Chega o momento em que se percebe estar ficando para trás, sente-se sozinho, e aí vem a vontade de partir também.

Atendi há alguns dias uma paciente com 82 anos falando sinceramente em vontade de morrer: para ela deu, chega; sua festa esvaziou. Já ouvi de muitas pessoas de idade avançada este tipo de confissão. Em geral, as famílias relutam em levar a sério tal desiderato. É um desejo que contradiz os valores da cultura ocidental.

Cultura esta juncada de valores equivocados, e este bem pode ser mais

um deles. Suponho entender a senhorinha. E não é bom saber disto? Saber que pode se satisfazer com o que já se viveu? Triste é ver um jovem, no início da festa, levando uma rasteira do destino, obrigado a partir precocemente.

Quem tem a graça de perambular por este mundo até as alturas dos 80, 90 anos, deve se conformar com ruas desertas de amigos que já se recolheram; aceitar ser forasteiro na sua própria cidade.

Viver muito é o sonho da maioria. Existem exceções, como James Dean, que teria dito: “viva rápido, morra jovem e deixe um belo cadáver”.

Coerente, praticamente se matou aos 24 anos de idade num acidente de carro.

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra; a velhice, costuma dizer meu amigo Sanvito, é uma fase da vida de balanço negativo: perde-se a beleza e o vigor físicos, a agilidade, o equilíbrio, os cabelos, os dentes e mesmo boa parte da memória. Portanto, quem desejar ficar para o fim do baile, que considere as inerentes limitações e um cenário despovoado.

Na velhice a perspectiva é a do retrovisor: a melhor parte, os melhores sonhos, ficou para trás.



NA VELHICE A PERSPECTIVA É A DO RETROVISOR.



**CLÓVIS
REIS**

Jornalista e professor universitário, Clóvis Reis escreve sobre política, desenvolvimento regional e cotidiano. Desde 2004 tem espaço cativo nas edições de fim de semana do Santa e faz análises esporádicas dentro da cobertura eleitoral do jornal.

DEMOCRACIA EM CARTAZ

Fui à manifestação de Blumenau. Não assisti da sacada, não estava a trabalho, fui como cidadão. De tudo que lá vi, o que mais me chamou a atenção foi o reduzido número de faixas. Havia pouco mais que meia dúzia. Em contrapartida, vi um grande número de cartazes. Muitos, variados, diversos, contraditórios e incompatíveis entre si. No Brasil inteiro está assim. O que isso significa?

Bem, pra começo de conversa, para carregar uma faixa, precisa-se de pelo menos duas pessoas. Se ela for grande, são necessárias muitas, que comunguem das mesmas ideias e sigam juntas na manifestação. A produção de uma faixa também supõe um ato coletivo, eventualmente alguma reunião para a definição da mensagem, a confecção do material ou o rateio das despesas.

Por trás de uma faixa, há um mínimo de acordo, solidariedade e liderança. Por outro lado, um cartaz é um ato solitário. Cada um faz o seu e escreve o que lhe convém. O cartaz é horizontal por excelência, anárquico, não se sujeita à institucionalização. Na manifestação de Blumenau, havia milhares deles, o que implica que talvez não exista uma única razão que explique a multidão nas ruas.

Cada um estava lá por algum motivo. O ato em si era o elemento que criava o vínculo entre a gente toda. Acho que é exatamente isso que explica o que está acontecendo. Por isso, a alegoria faixa-cartaz constitui para mim a característica singular do movimento realizado aqui e pelo país afora: todos na praça, posicionando-se contra a coisa toda que está aí – seja lá o que “a coisa toda” signifique para cada um.

A minha grande dúvida é o resultado que produzirá um movimento sem uma institucionalidade mínima. OK, os eventos recentes têm um lado muito positivo, o povo na praça, como na Grécia, o berço da democracia, o povo na Ágora, discutindo a polis, fazendo a política. O saldo pode ser muito bom. Com o tempo, o regime democrático pode se encarregar de neutralizar os extremos, favorecendo os setores mais moderados e as bandeiras mais ou menos consensuais.

Daí, podem surgir líderes e pautas que aglutinem. Nesse sentido, viva a democracia! Ela dá voz a todos e segue o que pensa a maioria. Entretanto, tudo isso também pode ser apenas uma aposta. Na minha visão, as faixas estariam para um protesto assim como as instituições estão para a democracia. A que levam um movimento sem solidariedade nas causas e uma democracia sem instituições?

22 de junho de 2013



INCÊNDIO COMO METÁFORA

DIogo Barbieri, Especial

A Alguns incidentes, esses episódios imprevistos que assinalam o desenrolar de uma história principal subjacente, têm o condão de sinalizar uma mudança maior no rumo dos acontecimentos. O ataque ao World Trade Center, em 2001, trouxe a prevenção ao terrorismo para a ordem do dia em nível mundial. O atentado à estação Atocha virou a eleição da Espanha em 2004, assim como a recente morte do presidenciável Eduardo Campos (PSB) reacendeu o ânimo da disputa no Brasil.

No rol dos incidentes que mudaram o curso dos acontecimentos, talvez, exista um lugar para o incêndio a Roma, na época do imperador Nero, episódio que abriu os caminhos para uma completa reforma urbanística da cidade lá pelos idos de 60 d.C. Entretanto, como paira uma controvérsia sobre a autoria do crime e o fato se transformou numa anedota contra o imperador, creio que o exemplo não seja apropriado para o presente caso.

Bem, o que quero dizer é que os incidentes apontam o rumo dos fatos principais. Nesse contexto, entendo o incêndio ao prédio do Frohsinn como um incidente, uma metáfora que sintetiza as grandes mudanças que estão acontecendo em Blumenau na atualidade. É isso, as cinzas do restaurante simbolizam uma época e, ao mesmo tempo, um novo período.

Talvez no futuro, daqui a uns 100 anos, quando os historiadores se debruçarem sobre o nosso passado, se empregue o incêndio como um marco temporal que situa um antes e um depois na Cidade Jardim. Olha, antes era assim. Depois, ficou desse jeito.

O Frohsinn é o nosso World Trade Center, a nossa estação Atocha. Não há dúvida de que Blumenau está mudando profundamente.

Quando dei por mim, em fins da década de 1970, em Santa Catarina se falava de Blumenau, Joinville, Florianópolis e nada mais. Pra ficar num exemplo, hoje Itajaí é um trem bala atropelando a nossa velha Macuca.

Nossos vizinhos desenvolveram um maior dinamismo econômico e político, enquanto aqui sofremos uma retração que se traduz numa série de dificuldades que afetam a nossa capacidade de interlocução no plano estadual. Aquela Blumenau imponente dos tempos de glória – a Alemanha sem passaportes – faz parte da história, ficou para trás, assim como o Frohsinn.

A expressão é antiga, mas vamos lá, está na hora de virar o disco, de dar o passo à frente e mudar. Ou mudamos, ou aceitamos o encolhimento. O problema é que, talvez, as instituições de Blumenau não queiram mudar, não percebam a necessidade de mudança, ainda se iludam com os lauréis de uma glória distante, e contra isso é muito difícil lutar.

É tentador voltar a Roma e ao que ocorreu após o império de Nero, mas não estou aqui para anedotas. O incêndio ao Frohsinn é uma metáfora, o símbolo de um tempo e de uma Blumenau cujos verbos hoje se conjugam no pretérito.

23 de agosto de 2014

TÉCNICO É POLÍTICO, SIM

Entre os candidatos a prefeito de Blumenau, virou moda a promessa de que a composição do futuro secretariado obedecerá a critérios técnicos. Não acredito e não gosto da ideia. Até hoje desconheço governo cujo colegiado não seja a expressão da geografia das urnas. Embora reconheça que como propaganda eleitoral o discurso funcione, duvido que aqui, de agora em diante, seja diferente. Além disso, não existe nada mais “político” que uma indicação supostamente de caráter “técnico”.

A definição de um técnico para um cargo público é uma escolha política, no sentido de que representa um determinado modo de atuação na condução dos trabalhos, com variadas implicações para a relação com a população. Um técnico é um burocrata que tem ouvidos apenas para o chefe e para a lógica intrínseca da própria burocracia? Não nos serve. Gestão técnica significa submeter a vontade popular às idiossincrasias da própria administração.

Prefiro alguém competente, que ouça o prefeito, os vereadores, os empresários, os trabalhadores, os movimentos sociais e, a partir daí, tome a melhor decisão para o presente e o futuro do município. A predileção supostamente tecnocrática na administração pública encobre certa dose de fascismo – as corporações ocupando o lugar do cidadão no exercício do poder – que em nada contribui para o avanço democrático. Não canso de repetir o que me ensinou o colega Alejandro Labale: o remédio da política é mais política. Certa vez ele escreveu algo assim: existem corruptos na política?

Obviamente, o que não torna necessariamente corruptos todos os políticos e nem a política uma prática desprezível, portadora da essência do mal. Desse modo, mais política em nossas vidas é o melhor remédio para essa política que está aí. De fato, a ideia de que os políticos não servem para nada – “políticos são todos iguais, mais gente lá, mais politicagem” – está de tal forma disseminada no senso comum que as pessoas acabam se afastando das discussões públicas, não se dando conta de que quase tudo na nossa vida depende da atuação deles, os políticos.

Ao negarem o caráter “político” da composição de um secretariado municipal, os candidatos a prefeito só contribuem para que essa ideia ganhe mais corpo, como se negassem a própria essência, como se tivessem vergonha de si próprios. O problema não é a indicação de um político para o futuro colegiado. O problema é a qualidade política do escolhido para o cargo.

22 de setembro de 2012

A PROVA DO (NOSSO) CRIME

CComemoração. De repente, a gente se descobriu no controle. Como é melhor o lugar do motorista que a vaga do carona... Desastre. Logo em seguida, a gente se deu conta que está totalmente descontrolada. Cadê o motorista? Se não, o que explica que três jovens aqui de perto pratiquem um estupro, um crime hediondo, filmem tudo com seu telefone celular e depois divulguem as cenas na internet? “Não caiu a ficha. Eles não têm noção da gravidade da infração que cometiveram”, justificou o advogado de defesa. Bobagem.

Trololó. Cadeia pra eles. Pensando bem, a internet é uma bênção. Não fosse ela, o trio seguiria impune, colocando em risco a integridade da sua filha que hoje à noite vai a uma festinha. Onde mesmo? Na casa de quem? Desde que a internet chegou, os pensadores a festejaram como o mais democrático dos meios de comunicação, que permitiria a participação irrestrita e promoveria a inclusão social. Quanta ingenuidade. O raciocínio era apenas uma forma de ataque à mídia tradicional, mancomunada com o poder, que não dava voz nem vez aos oprimidos.

De repente, a gente se descobriu, sim, no controle e com a possibilidade de publicarmos tudo que bem entendíamos, mas a triste constatação foi que pouco tínhamos de tão nobre em nossas intenções. Em compensação, demos vazão a infundáveis futilidades e

aos instintos mais primitivos. Já escrevi sobre isso outro dia.

Quando quero informação de qualidade, recorro às fontes tradicionais e pouco me interessam os comentários que meia dúzia de anônimos fazem às notícias, terreno pantanoso de ataques pessoais com intenções inconfessáveis.

Bendita internet. Bendito telefone celular com câmera. Revelaram, des-cobriram o que verdadeiramente somos – e não somos tão bons como disfarçávamos que éramos. Ainda não sabe onde a sua filha vai hoje à noite? Tudo bem. Com alguma sorte segunda-feira estará na web.

15 de novembro de 2008

ADEUS, NELSON ROSEMBROCK

Para mim, a recente morte do locutor Nelson Rosembrock encerra um dos mais brilhantes capítulos da história do rádio em Blumenau. Ele foi um dos últimos representantes de uma época de ouro, em que a audiência das emissoras se baseava mais no prestígio de seus comunicadores que no estilo de programação propriamente dito.

Pensando bem, hoje reconheço que Nelson – assim como seu irmão Zé Reinoldo, Danilo Gomes, Tesoura Júnior, Rodolfo Sestrem, Farley Jota Santos, Enei Mendes, Manoel Rampelotti, Walmira Siemann, entre outros locutores daquele período – é a origem da minha paixão pela comunicação e, de alguma forma, responsável pelo rumo que dei à minha vida profissional.

Na infância, adorava o Picape da Frigideira, de Nelson Rosembrock, de quem minha mãe era fã incondicional. O que mais me atraía era o placar das maternidades, que ele transmitia com tanta intensidade como se narrasse um Fla-Flu ou uma decisão do Campeonato Brasileiro em pleno Maracanã. Há pouco tempo, descobri que o nome Picape da Frigideira foi criação de Altair Carlos Pimpão, outro grande expoente do rádio e da televisão em Blumenau. Nutria pelo Picape da Frigideira o mesmo fervor que hoje a garotada sente pelo MSN e o Orkut.

Com a idade, descobri outras paixões no rádio, entre as quais, o Blu é uma parada.

Era um programa de sucessos musicais para a juventude, comparado ao que hoje tocam emissoras como a Atlântida e a Jovem Pan. No fim de tarde, acompanhava o Ranchinho da Nereu. Porém, definitivamente, decidi que seguiria pelo jornalismo quando me tornei ouvinte de programas como Grande jornal do ar, Carta aberta, A polícia é notícia e as transmissões esportivas do timaço de locutores da União AM.

Por sorte, dividi o microfone com muitos dos meus ídolos. Não trabalhei com Nelson Rosembrock e nem tive a oportunidade dizer isso a ele. Entretanto, quando analiso a minha trajetória, lá, no início de tudo, me vêm à mente aquelas batidas de uma colher contra uma frigideira.

Adeus, Nelson Rosembrock!

19 de novembro de 2005



**QUANDO ANALISO
MINHA TRAJETÓRIA,
NO INÍCIO DE TUDO
ME VÊM À MENTE AS
BATIDAS NA FRIGIDEIRA**

FABRÍCIO CARDOSO



Com longa passagem pela redação do Santa, Fabrício Cardoso atuou como editor-executivo até 2011, quando passou a viver em São Paulo.

Apesar de breve intervalo de ausência, segue escrevendo crônicas semanais desde 2004.

CARTA AO OLAVO

Sabe filho, uma vez eu vi o vovô chegar lá em casa sorridente com um envelope azul. Era o embrulho de um presente especial: a passagem aérea para uma viagem que tu foste de penetra, na barriga da mamãe. Ao ver-me constrangido com o valor impresso no bilhete pela companhia, o vovô tratou de tranqüilizar:

– Meu filho, quando comprei a passagem, me senti mais feliz do que se eu mesmo fosse viajar. Ainda vais conhecer aquele velho, filho, a ponto de saber que o consolo foi totalmente sincero.

Desde 1973, o vovô não faz outra coisa a não ser ir para o final da fila em favor dos filhos. A um homem, ensina ele, não há satisfação maior do que ajudar a consolidar a felicidade das vidas que gerou. Há três anos, quando teu irmão nasceu, o papai pôde enfim entender com clareza tudo isso.

Quando ouvi teu choro na sala de parto do Hospital Santa Catarina, o dia 5 de janeiro ainda teria 25 minutos pela frente. Talvez pela experiência anterior e pelos exemplos, o papai serenou. Afinal, ganhava ali um eterno amigo. Porém, filho, a paternidade nos leva a reflexões capazes de nos roubar a serenidade.

Tu vieste a um mundo onde uns engravatados eliminam até crianças por petróleo. Depois, sem qualquer remorso, vão se recolher em casas de campo no final de semana. Outros matam covardemente inocentes que elegem os engravatados, e não professam a mesma fé de seus algozes.

Depois, também sem qualquer remorso, vão se refugiar em cavernas. Sabe filho, se por um lado parece vaidade querer ser pai em um mundo tão esquizofrênico, por outro a chegada de bebês como tu renova a esperança quase ingênuas de que a humanidade pode dar certo.

Tua geração talvez possa fazer da vida em um valor supremo, imune à ganância por dinheiro, poder, petróleo ou bens materiais. De resto, o papai está orgulhoso da coragem dispensada por ti diante da agulha das vacinas. Quase nem choraste, sabia? Apesar de nos conhecermos há apenas uma semana, tu confirmaste o fracasso do papai como estrategista. Tu e o teu irmão não foram planejados, mas são, de longe, a melhor coisa que já fiz.

12 de janeiro de 2005

MANHÃS DE SÁBADO

Deduzo que a maioria de vocês estará entretida com este texto numa manhã de sábado, com o Santa ainda exalando o cheiro da tinta da rotativa ali da Rua Bahia. Trata-se de um momento da semana muito especial para mim, os sábados pela manhã. É quando mais sinto falta do meu pai. Mas não se preocupem com condolências, ok?

Apesar do convívio meio arreio com o diabetes, o velho segue firme, forte e bonito, como o filho.

São os sábados da minha infância que, volta e meia, impõem o peso da ausência e uma saudade boa se cristaliza em mim. Meu pai personificou as manhãs de sábado na primeira metade da minha vida. Fiz uma leve auditoria sentimental para entender o fenômeno. Concluí que era justamente aí, nas manhãs de sábado, que ele se reconnectava à família, depois de passar a semana zelando pela saúde de máquinas numa fábrica de fios e cabos.

Não que meu pai fosse homem de jornadas noturnas. Chegava cedo em casa, comia conosco antes de se render ao sono precoce. Mas, aos sábados, ficava uma atmosfera de reencontro. Havia nele uma disponibilidade enternecedora. Nem sempre

brincávamos.

Sujeito de habilidades múltiplas as quais desgraçadamente não herdei a metade, me divertia vendo-o manusear ferramentas com destreza.

Também se contorcia debaixo do carro, neutralizando barulhos que só ele ouvia.

Posso ter resmungado vez e outra, mas sentia um orgulho indisfarçado quando o velho, empoleirado numa escada, me promovia a seu auxiliar.

– Fabrício, traz a chave philips! Guri, preciso do multitempo!

Toda aquela parafernália transformava meu pai numa espécie de mago, capaz de levar luz onde havia trevas, de levar

paz para onde havia irritação e sofrimento.

Já rapaz feito, usei a habilidade do velho para cortejar as meninas do bairro. Certa feita, como último recurso de cantada, ofereci os serviços paternos para uma loirinha que se queixava de calor à espera da instalação do ventilador de teto. Fracassei em meus intentos com a moça, mas até hoje lembro dele emergindo do forro da casa para sentenciar, exultante e empoeirado: “Pronto!”.

Saí de casa aos 23 anos, para morar a 600 quilômetros de distância. Não era fácil vir vê-los, meu pai e minha mãe, com regularidade. Depois de semanas longe, senti o coração palpituar ao vê-lo no sábado pela manhã, disponível como sempre. Com a clareza de que perdera aquele nutritivo convívio, dei-lhe um abraço comprido e, enquanto sentia a pressão de seus dedos nas minhas costas, revelei:

– Pai, tenho tanta saudade de nossos

sábados.

Bem, apesar de ser dado a sentimentalismos, só me permiti reminiscências tão íntimas porque, depois de centenas de sábados sem meu pai, ainda sinto falta daquelas manhãs. E me pergunto se haverá momento, uma brecha na sucessão louca dos dias, na qual meus filhos lembrarão de mim. Tenho medo de ter acelerado a vida a uma velocidade incompatível com as pausas que nos conectam a quem amamos. Tenho medo de não ter manhãs de sábado para lhes oferecer.

7 de setembro de 2013

A POESIA DA ADVERSIDADE

OQuando livre das maledicências da natureza, Blumenau perturba pela ausência de poesia na vida das pessoas. Não falo de versos paridos por escrevedores carentes de autocrítica, porque estes, para azar da literatura, abundam como chuva por aqui. Refiro-me ao embrutecimento do espírito por um ritmo industrial alucinante, capaz de encurtar a curiosidade intelectual até de quem trabalha sob o ar-condicionado. Onde reside a inquietação deste povo?, sempre me perguntei.

Para o blumenauense médio, salvo exceções que só servem para confirmar a regra, quase não há objeto de interesse além destes morros ora gelatinosos. A expressão máxima de uma existência se resume a um emprego estável e, porque um dia a aposentadoria virá, uma casa na praia. Tudo aquilo sem uma serventia explícita, como a cultura, acaba no limbo dos supérfluos.

Não foram poucas as vezes que, imerso nestes pensamentos, me senti um ingrato. Blumenau nunca me negou carinho. Deu-me inclusive coisas recusadas por minha terra natal: o primeiro emprego após a formatura, a tranquilidade para meus filhos, amigos para uma vida inteira e, Deus do céu!, até leitores. Pois precisei de 500 milímetros de chuva em 48 horas para curar a miopia sentimental e avistar a reciprocidade deste amor. Foi sofrendo naquele dilúvio que Blumenau mostrou, a mim e ao mundo, uma poesia que se manifesta na adversidade.

Vi em cada gesto um recado de que a cólera da natureza, ainda que justificada pelo fato de sermos maus inquilinos, não seria aceita

passivamente.

Não havia espaço para reflexões sobre a fragilidade humana ou lamentos de má sorte. Um transbordamento de coragem e bondade do povo, tão contundente quanto o das águas do Itajaí-Açu, foi nos devolvendo ruas, energia, água, dignidade. O sofrimento ainda está longe de acabar, não me iludo. Mas nada me autoriza a duvidar do triunfo da luta. Porque foi neste naco de floresta que nos coube viver felizes, e assim será enquanto houver gente disposta a amar este lugar.

Quem passou o último final de semana de novembro de 2008 em Blumenau, acossado por aquela chuva inclemente, virou uma espécie de veterano de guerra. Vamos, talvez pelo resto de nossas vidas, nos entender com um simples olhar. E tal sensação de pertencimento é mais uma das tantas dívidas impagáveis que terei com a cidade.

3 de dezembro de 2008

UMA MULHER É MAIOR QUE O SOL

Desde que textos cafona de autoajuda passaram a circular na internet sob assinatura de gente de pena hábil e elegante, numa descarada pirataria literária, tornou-se obrigação desconfiar do Gúgou. Mas esta desatenta ferramenta de busca atribui a Charles Chaplin a frase presente em 11 a cada 10 coletâneas destinadas a transmitir sentimento para quem tem preguiça de ler: "O sol faz um enorme espetáculo ao nascer, e, mesmo assim, a maioria de nós continua dormindo."

Com a ousadia típica dos medíocres, permito-me discordar de Chaplin – ou então do ebrio que formulou a frase depois de uma noite de bebedeira finalizada em solidão na beira da praia. Há um outro espetáculo matinal absurdamente delicado e transbordante de beleza sendo ignorado dia após dia, visto que se repete até com mais intensidade nos amanheceres nublados, coisa que o sol não faz. Falo, entre suspiros, do ritual de preparação de uma mulher para ganhar as ruas.

Julgo um brutamontes insensível aquele macho que, mesmo com a glória de ter uma mulher para chamar de sua, jamais se deteve nesta coreografia. Há ali um jogo que se desenvolve entre a confiança e a hesitação, compondo um balé que, admito, já me umedeceu os olhos. Não consigo imaginar, nem considerando o acervo de todos os museus do planeta, algo esteticamente mais sublime do que ver a toalha deslizar pelo corpo da mulher amada diante do guarda-roupa. Inicia ali o que o mestre Xico Sá define como striptease ao contrário, numa conferência peça a peça, com a meticulosidade que as fêmeas exercem contorcendo lábios e semblantes.

Deixo aqui uma dica aos não iniciados nesta arte: jamais deixe-se ser notado nesteoyerismo. Diferente da vulgaridade do nascer do sol, que se exibe a todos de forma indistinta, este é um espetáculo cujo desfrute precisa ser roubado. Procure uma fresta no lençol, deixe uma fina passagem de luz pelas pálpebras semicerradas enquanto finge resonar, enfim, lance mão de qualquer ardil legalmente aceito para não quebrar a autenticidade deste presente matinal que a existência a dois nos oferece.

Há um segundo ato deste espetáculo, que talvez não seja possível testemunhar às escondidas desde a cama. Ocorre diante do espelho, debaixo de um arsenal de lápis e cores fragmentadas em pó que nenhum homem que não se chame Fernando Torquato saberia classificar. Ali, com o cabelo preso, expondo a nuca ornada pelos fios mais teimosos, elas voltam a ser crianças, pintando nosso desejo. Ficam colorindo as feições que nos enternecem.

Se você é um brutamontes insensível, trate de mudar a rotina para não mais desperdiçar este espetáculo feminino a cada alvorecer. Combine com o chefe de chegar mais tarde, finja dor de cabeça para ficar na cama. Tudo vale para desmentir Charles Chaplin. Nenhum sol em qualquer galáxia tem força para ofuscar as manhãs de uma mulher.

11 de novembro de 2012

NÃO DEIXEM A CANTADA MORRER

GConheço uma menina totalmente a par da exuberância da própria beleza. De fato, não se trata de uma formosura sutil, a dela. É um conjunto de fazer operário uivar nos andaimes: lábios carnudos, seios transbordantes no decote, andar valseado sobre quadris de violoncelo. Há algo de cruel nas mulheres cientes de seus encantos. Tornam-se despoticamente teatrais, como se se vingassem do mundo machista, no qual um homem jamais perde a perspectiva sexual ao dirigir-se a elas.

Portadoras legítimas deste feitiço nutrem especial prazer em reger hordas de machos salivantes, escravos das pulsões mais primitivas. Falava da minha conhecida. Bem, ela exerce o despotismo das mulheres belas com sadismo. Publica nas redes sociais, em profusão, fotos mandando beijinhos para a lente da câmara, desencadeando uma torrente de comentários elogiosos, alguns dos quais são cortejos explícitos.

Nos verões, irradia ansiedade com a iminência de mais uma foto de biquíni, sempre captada meio de lado, com a perna em primeiro plano formando um . Numa dessas, um rapaz comentou, emocionalmente desorientado:

– Você é diferenciada!

Por dever antropológico, investiguei até descobrir que o autor do cortejo cujo melhor adjetivo é justamente “diferenciado” trabalha como repórter esportivo. Então saltou-me aos olhos a petição de miséria em que se encontra a arte da cantada. Quando um sujeito aborda um alvo sexual como se estivesse falando do camisa 10 do Metrô, chegou a hora de pensarmos numa solução, antes que a humanidade seja varrida do planeta por celibato generalizado.

Depois de 13 anos de escova de dente unida com a da Inspiradora, julgo-me sem autoridade para aconselhamentos desta natureza.

Mas, pelo que minha memória conservou, objetividade conspira contra a cantada. O real objetivo deve ser tangenciado, manifestado entre vírgulas, como um aposto. Deve restar um sentimento de o-que-será-que-ele-quiser-dizer-com-aquilo. Jorrar toda pretensão de uma só vez, ainda por cima com jargão profissional, é uma receita imbatível para experimentar as orgias num monastério do Tibet.

Ninguém aí precisa de mais um colunista de meia-idade praguejando contra a tecnologia. Neste caso específico, porém, me vejo obrigado a culpar a sociedade do atalho. O Gúgou nos privou do sabor da dúvida e do prazer da descoberta. Qualquer questão em aberto numa mesa de bar está a dois cliques de ser encerrada. Agora o Feicebúqui me vem com o tal de Bang With Friends, aplicativo que, com discrição, sinaliza para quem você está facinho. São dois cliques e pronto. Cama.

É o Gúgou da luxúria. Que pragmatismo é este, senhores? Renunciamos ao exercício de investigar se nossa fome de outro também ronca na alma deste outro. Estamos desobrigados de captar pequenos consentimentos, permissões de avanço. Desconsideramos que a promessa de sexo já é sexo em si, e do bom. Aliás, há muito tesão antes da horizontal. Mas, para tanto, deve-se gastar algum latim, oras.

Se não resgatarmos a sagrada arte da cantada, um futuro sexualmente “diferenciado” espera por aqueles indignos de um clic no Feicebúqui.

23 de fevereiro de 2013

GERVÁSIO LUZ



Jornalista, professor e um especialista no gênero crônica, Gervásio colaborou por oito anos consecutivos com o Santa. Profundo conhecedor da cultura catarinense, aborda em seus textos histórias peculiares da imprensa e das artes no Estado.

JORNAIS, A GRANDE PAIXÃO

Numa de suas tiradas geniais, Millôr Fernandes conta breve instante de sua infância, quase juventude. Há quem diga: ele é o “milhór” humorista do país. Trocadilho infame, historinha nem tanto assim. Sua família obrigou-o a tomar lições de piano com um velho alemão, brabo como ele só. Toda vez que nosso herói errava uma nota, o professor dava-lhe com um jornal dobrado na cabeça. E Millôr conclui: “Foi assim que eu aprendi jornalismo!”

Graças ao bom Deus, nunca estudei instrumento musical de espécie alguma. E a paixão pelos jornais nasceu assim: sem dores nem coações maiores. Desde garoto, na terra natal, em Rio do Sul, vivia de olho, com um estranho interesse nos chamados órgãos de comunicação impressos. E nas retinas, hoje fatigadas, inda vem a imagem daquele jornal imenso (no tamanho), o mais “standard” possível, o Nova Era. Persiste, em formato tablóide, no cumprir seu papel de semanário das famílias do Alto Vale do Itajaí.

Seu contraste se chamava A Verdade, não tão família assim. Papai o trazia da Capital, de quando em quando. O hebdomadário do Manoel de Menezes tinha uma característica: falar mal de todo mundo, sem restrição alguma. A capa e a contracapa do Nova Era abrigavam todo tipo de notícia: nascimento, batizado, comunhão, noivado, formatura, casório e falecimento. E com o toque da época: farta adjetivação.

Um exemplo: “Colhe hoje mais um botão no jardim de sua existência a senhorinha Fulana de Tal, fino ornamento de nossa sociedade, dileta filha do casal etcetera e tal”.

Atualmente, a palavra “aniversaria” resolve o problema. Sintetiza tudo. E nas folhas internas, só tinha anúncio. Leitura dinâmica, pois. Consumia alguns segundos. Meu pai, o advogado Ademar Luz, irônico de nascença, cutucava com vara curta o proprietário: “Pedro Paulo Cunha, deixei de trabalhar ontem por tua causa. Tirei o dia para ler o teu jornal!”

Observação que em nada, nadinha mesmo, abalava a velha amizade.

28 de setembro de 2004

O SANTO MILAGROSO

Padre especial aquele. Tinha uma cultura invejável, mas dela não se proseava. Exemplo número um de humildade franciscana. A historinha vai parecer folclórica, mas é real como a verdade primeira, garante um sobrinho que carrega o seu nome de batismo na ordem religiosa. Ele tinha pavor de foguete. Valia o dito: "Todo aquele que solta foguete é um chato". Em potencial.

Fim de semana na cidade em que passou a maior parte de sua vida. E com a tradicional Festa do Divino Espírito Santo. Na Igreja Matriz, hoje Catedral. Povão e foguetório. Alegou uma desculpa qualquer e se mandou para a amada ilha, Capital de seu Estado natal. Ao chegar ao convento, veio a surpresa:

– Quem bom, frei, que o senhor esteja aqui. Estamos precisando de um padre para rezar a missa do Divino na Lagoa.

Foi. Rezou. Ao terminar o ofício, tirando os paramentos, um pescador pediu-lhe, apavorado, um favor:

– Meu irmão, picado por uma cobra, uma jararaca, está morrendo.

O senhor poderia lhe dar a extrema-unção? Montado a cavalo, serpenteia cafezais sombreados, marca da região. Sozinho com o moribundo, inicia as preces. Mas de repente – não mais que de repente – acode-lhe a idéia.

Levava sempre na batina um

frasco de Elixir Específico Pessoa, remédio infalível para picadas peçonhentas de serpentes, aranhas, escorpiões e parentes afins. Era a sua defesa nas caminhadas que fazia nas matas de uma chácara do colégio em que lecionava.

Abre a boca do quase-morto e goteja o medicamento. Ano depois, volta a rezar missa no local, a Lagoa. O cidadão, irmão do quase-falecido, lasca:

– Padre, o senhor não vai acreditar. Mal o senhor voltou e o mano ressuscitou.

Ele não disse uma palavra. Não carecia.

12 de julho de 2005

Fé difícil faltar assunto ao cronista. Há sempre algo sobre o que escrever. Em último caso, dá texto _ e bom _ discorrer sobre a falta de assunto. Mas sugestões normalmente são bem-vindas. Dia desses, três membros do clã Nemetz (Marcos, André e Luiz Carlos) cobraram-me um possível esquecimento.

– Tens falado tanto dos insuperáveis mestres do passado e esqueceste dum.

Revidei:

– Calma, todos têm sua hora e vez.

Chegou o momento de relembrar um cadinho do gigante em altura e talento, chamado João Mosimann. Entre os tantos competentes professores do Colégio Santo Antônio _ a maioria, por dever do ofício, nervosa e impaciente _ destacava-se a figura do meu professor de Geografia. "Impassível como a lua cheia", o que significa elogio, pois sua postura de pura calma, com um sorriso quase permanente, placava nossos ânimos.

Não passávamos da conta. Gostávamos dele, portanto silêncio e respeito. Outro admirado: o professor de História Max Kreibich, o oposto de Mosimann. Piadista emérito, levava-nos a gostar de sua matéria. Toda vez que me fazia uma pergunta apelava para um expediente. Calcado no meu sobrenome, se acertasse mandava um colega acender a luz. Caso errasse, ordenava que apagassem a luz.

O SENHOR CIVILIDADE

Mas isto é outra história... João Mosimann ostentava um ar pastoral, mesmo para quem não soubesse de suas outras atividades: instruía os candidatos ao ingresso em diversas congregações Marianas e na Ordem Superior Secular. Também coordenava e dirigia o Curso para Noivos. Lente também em Inglês e História, passou-me Noções de Civilidade, matéria que sumiu do mapa, mas que deveria estar presente em todos os currículos. Ele era o protótipo de polidez, urbanidade, delicadeza e cortesia. Marcou com seu jeito sereno todas as gerações para as quais lecionou.

Foi raro privilégio ter aulas com um Senhor chamado Civilidade.

24 de janeiro de 2006

O PORQUÊ DO PSEUDÔNIMO

Uma leitora escreve-me, em papel de caderno com enfeites coloridinhos, inconformada com o que lê. O nome da coluna é Gervásio Luz. Depois do título da crônica, depara o “gervasio.tessaleno@santa.com.br” e, no final, a informação “O jornalista e professor Gervásio Tessaleno Luz escreve neste espaço às terças-feiras”. A quantas andamos? Vamos lá: Nasci e fui batizado Gervásio Luz, apenas. E como o Tessaleno entrou na história?

Estreamos em jornal em 1964. Aquele, o famoso pela Redentora, a tal revolução militar. Não foi o motivo político que nos levou à imprensa. E sim uma vontade incontrolável de escrever sobre tudo e sobre todos. Sobre a beleza e a tristeza da vida. Sempre buscando, quando possível, beirar o lirismo, embora distantes da condição de poeta. É mais fácil a prosa, a fala e a escrita correntes. Falta de talento maior, o de dominar a arte do verso. O que não revela frustração. Cada um na sua. Uns tocam violão, outros são reis do teclado de um piano.

Os primeiros escritos tiveram como leito duas publicações pesadas: os semanários Ronda e Vanguarda. Por timidez, mais medo, possivelmente, nasceu o Tessaleno. Os textos traziam apenas o pseudônimo, nome de um amigo carioca. Anos mais tarde, ele incorporou-se ao nome de pia: Gervásio Luz. Por conselho de um primo, Geraldo Luz.

Participávamos de uma coluna na

Cidade de Blumenau, tipo Dicas do Pasquim. Notas pequenas, assinadas por vários colaboradores. Nomes parecidos, valiam trocas. Nota do Geraldo saía assinada por mim e vice-versa.

Um amigo grego, Georges Papadopoulos, deu-me a explicação definitiva sobre o nome fictício. Tessalous habitava a Tessália, a região mais fértil da Grécia. O restante do país abriga pedras. Demóstenes, o orador, teria dito:

– Os tessalenos são gente ruim, de má fama. Uma cobra mordeu Tessaleno. Ele passou bem, a cobra morreu.

Nunca me considerei mau, só que um veneno acompanhava os escritos, por muito tempo. Hoje, passados os sessent'anos, Tessaleno rima muito melhor com ameno.

21 de fevereiro de 2006

DA OLIVETTI À INTERNET

Um e-mail informa-me do preparo de um livro pela Unisul, Da Olivetti à Internet. Quem me mandou, Laudelino José Sardá, coordenador da obra e companheiro de lutas no jornal O Estado, de Floripa. Diz ele: “No final de 2005, tentamos editar um livro contendo análises de jornalistas que viveram os anos 60, 70 e 80, lembrando e analisando o trabalho que realizaram à base da máquina manual e do telefone preto fixo e com os textos que o telex cuspiu. Infelizmente, apesar do entusiasmo de todos, nenhum produziu sequer uma linha.

A segunda tentativa, que se inicia, terá resultados com a seguinte estratégia: o livro sairá de qualquer jeito, mesmo que tenhamos de substituir eventuais faltosos. Isto é para desafiar os dinossauros que perderam o compromisso com o horário de fechamento (risos).

Briefing: A idéia surgiu da seguinte percepção: naquela época, produzímos na máquina manual textos bem escritos, depois de ter enfrentado dificuldades para encontrar e ouvir as fontes confiáveis. Hoje, o profissional senta-se diante do computador e nele tem tudo o que deseja: fontes de informação, notícias do mundo inteiro, tudo instantaneamente. Mas, o que a velocidade deixou para trás? A emoção? O compromisso com a verdade e com o aprofundamento do conteúdo? Com a sensibilidade cultural e literária? Com a

sensibilidade social?

Neste cenário, há outras comparações que cada um de nós deve ter nas respectivas áreas em que houve maior atuação. O foco é a comparação, enfatizando por que se fazia um jornal mais livre e comprometido com as causas sociais...”

Recebemos convite para participar do elenco de jornalistas que enfrentaram as duas ferramentas de trabalho. Então, mãos à obra! Só que com o dilema: bateremos os textos na velha e querida máquina de escrever ou os digitaremos no modernoso micro?

18 de setembro de 2007

DIA DOS PAIS

IVO
THEIS



Economista e professor universitário, Ivo Theis colaborou regularmente com o Santa entre 2006 e 2012. Propôs debates universais sobre política e economia, mas também abriu espaço para reflexões pessoais sobre a vida contemporânea.

Vá! Ainda há tempo. Compre um belo presente para o seu pai. E festeje com ele no domingo. Afinal, o seu “velho” deve lhe dar muitos motivos para que a data não passe em brancas nuvens. Se meu pai ainda estivesse vivo, lembraria de dar alguma coisa para ele. Mas é preciso confessar que sempre tive dificuldades para decidir o que comprar. Nos últimos tempos, em que estive muito próximo dele, dadas as suas condições de saúde, já nem fazia sentido presenteá-lo, seja com uma gravata, um par de meias ou uma carteira.

Mas olha que, sem o saber, ele meu deu, ao longo de sua vida simples, milhares de razões para não deixar a data passar em brancas nuvens. Lembro que meu pai se tornou um “cara especial” para mim quando tomei consciência de seu senso de honestidade _ o que, agora, já faz bastante tempo. Além disso, ele era muito justo, com todos e tudo. Nem vou lembrar que também era trabalhador, solidário com os mais necessitados, disponível para as tarefas menos nobres (por exemplo, as domésticas), alegre, simpático... E assava um churrasco como poucos.

Nos últimos tempos, em que dele estive mais próximo, vinha pedindo perdão (baixinho, às vezes, em silêncio) a ele. Achava que, apesar de ter se tornado exemplo inigualável para mim, talvez eu não tivesse sido “o” filho de que ele pudesse se orgulhar.

Nos últimos tempos, vinha

tentando dizer a ele (e ele, provavelmente, não mais me entendia) que o amava. Achava que ele, talvez, não soubera disso. Evidentemente, por falha minha.

Vá. Ainda tem hoje e amanhã. Compre um belo presente para o seu “velho”. Com certeza, ele lhe deu tantas razões para homenageá-lo no domingo quanto o meu deu a mim. Ou melhor: não compre presente algum. Nem gravata, nem meias, nem carteira, nem mesmo flores. Diga a ele, simplesmente, que, por convenção, você quer lhe dar um abraço no Dia dos Pais. Mas, que, pelos tantos motivos que ele lhe deu ao longo de sua vida, o abraço é merecido no domingo e em todos os dias de todos os anos que puderem compartilhar.

Ou, ainda, mais simplesmente, apenas o abrace. Não há necessidade de presentes. Nem mesmo de palavras. Basta o gesto.

10 de agosto de 2012

PRIMAVERA CHEGANDO

Como sabem as borboletas e os beija-flores, a primavera não marca hora. Pode chegar a qualquer momento. Às vezes, embora pouco comum, inclusive, entre um verão e um inverno. Já dera os ares de sua graça em praças desconhecidas de nações distantes, como Egito, Líbia, Marrocos, Tunísia – foi nelas, aliás, que teve origem a recente “Primavera Árabe”. E algumas praças mais conhecidas de países “do norte” que a televisão dos poderosos traz para perto, como Espanha, Grécia, Irlanda, Portugal.

Nessas plagas mais ao “norte” – sim, os poderosos, cujos sentidos são indiferentes às estações, e se irritam, facilmente, com borboletas e beija-flores, incumbiram os cartógrafos de criar um mapa do mundo, informando aos seus habitantes que este tinha dois hemisférios! – a primavera chegou, mesmo atrasadinha, nesse 2011.

O verão já estava saindo de cena quando as ruas de Nova Iorque ganharam aquela alegria que apenas a gente unida em torno da dignidade poderia lhe dar. Ernesto (sempre lembrado nesses dias de outubro), abraçado a Naomi Klein, Slavoj Zizek e Michael Moore, aplaudiu-a, comovido. Mais ao “sul”, nas ruas de Santiago, o inverno ainda não havia se despedido quando os estudantes as ganharam e ocuparam com seus sorrisos. Pablo e Matilde saudaram-nos, por neles perceberem a coragem dos irmãos tombados que questionaram a cartografia dos poderosos. Sua alegria suscitou um referendo. Do qual

participaram mais de 1,4 milhões de chilenos. 87% deles votaram a favor de educação pública, gratuita e de qualidade.

Vê-se, pois, que a primavera não marca mesmo hora. Nem lugar. Aqui por Pindorama ela também deu o ar de sua graça. Dessa feita foram alvos dos protestos, de mais de 20 mil brasilienses inconformados com o comportamento questionável de alguns de seus integrantes, o Congresso Nacional e o Judiciário. Renato, também lembrado nesses dias de outubro, gostou do que viu. E atento ao que vai pelas praças próximas e distantes, cantarolou: “Venha, o amor tem sempre a porta aberta / E vem chegando a primavera / Nossa futuro recomeça / Venha, que o que vem é perfeição”.

14 de outubro de 2011

O dia até que não começara mal. Não que o céu amanhecesse azul e ensolarado, sem nuvens. Nem que, finalmente, os carros fossem banidos e os aldeões saíssem de suas tocas para viver mais e competir menos. Fazia muito tempo que não houvera dia começando assim por esses tristes cantos do planeta. Mas, vá lá, exceto pela foto mostrando o sofrimento de dois cavalos, a capa do Santa dava a impressão de que o dia não começara mal.

Antevendo o que nem intuitivamente poderia ter antevisto, decidi locomover-me em direção à FURB. De carro. Como sabem os mais próximos, quando posso, evito o crime de deixar-me conduzir, solitariamente só, por quase uma tonelada de aço, ferro e sei lá mais o que. Sobretudo, quando o dia convida pruma caminhada. Ou pruma passagem de coletivo urbano.

Talvez não desconfiasse do que viria pelo fim da tarde. Ignorava a ignorância dos afoitos condutores de carros da progressista Aldeia, embalado por uma canção de Lenine na 107,1 - a única, assim consta, que permanece sem irritantes anúncios e cansativo papo furado. Enfim, até aquele momento do dia, as coisas ainda não iam mal.

E já no quadrado que me cabe, lá onde ganho o meu pão, envolto pela rotina do início da semana, pelas coisas com prazo vencido que ainda demandavam encaminhamentos, e pelas novas que também requeriam atenção; enfim, apesar de envolto por essas coisas, o dia transcorria numa indiferença de fazer inveja aos feriados de chuva

fina e orelha de gato.

Absorto no monitor, em que deslizavam tarefas cumpridas e outras ainda a cumprir, fui interrompido por uma voz grave: “Rapaz, tá escuro que parece noite”. O colega e amigo Oklinger nem bem acabara de chamar atenção para a iminência de alguns raios e trovões. O temporal que desabou, ainda antes das 17 horas da última segunda, colocou um súbito fim àquela indiferença com que o dia se acostumara. A energia caiu. A imagem do monitor se esvaiu. Logo as aulas da noite seriam suspensas. Excepcionalmente, retornava para casa antes das 22 horas. Ainda surpreso com as ruas escuras, com a água acumulada pelo trajeto, com as árvores caídas pelas calçadas. Mas, então, também, maravilhado. Pensando bem, o dia não terminara mal. Afinal, a natureza não se curvara. Ainda havia vida.

1º de abril de 2011

BELEZA DE OUTONO

Já repararam nesses dias de outono? Alguns são especialmente belos. Quem acorda cedo, quando ainda está escuro, pode ser surpreendido por um impetuoso e magnífico sol. Se houver árvores por perto, não é de perder o espetáculo propiciado pelos raios penetrando entre os galhos, as gotas de orvalho sobre as folhas brihando absolutamente encantadoras.

Esses dias de outono são bonitos desde o cedinho das manhãs, atravessando as tardes e devolvendo tudo à noite. São mais frios, sim, mas esquentam ao meio dia. Nalguns, as nuvens são mais densas, mas outros não passam de finos lençóis translúcidos.

Mesmo se a paisagem do cotidiano é a da cidade, com os prédios estúpidos e os veículos se movimentando desembestados pelo espaço, esses dias não deixam de ser belos.

Aliás, esses dias de outono são bonitos mesmo quando a noite cai. Primeiro, o anoitecer – e a despedida do sol, que se vai fugaz para outras paragens. Depois, o sol já sumido atrás das montanhas, a noite vai chegando, rápida – e bonita como as noites de outono ousam ser: um manto azul escuro, salpicado de estrelas brilhosas, à semelhança das gotinhas de orvalho despertadas pelo sol. Com sorte, a lua brinda os felizes habitantes deste canto do planeta com uma aparição teatralmente escandalosa. E aí é preciso aplaudir, não é mesmo?

Mas, quantos de nossos semelhantes não são privados desse espetáculo? Não por que sejam indiferentes ou insensíveis. É que a maioria trabalha de sol a sol – e, ironicamente, não pode ver o sol. A maioria acorda cedo, mas vai em direção à fábrica ou à escola pensando em como atravessar com rapidez mais um dia – e, tristemente, não pode ter a experiência dos dias de outono. A maioria chega ao fim da jornada com suas forças exauridas – e, perversamente, não pode contemplar o espetáculo oferecido pelas noites estreladas de outono.

Não é um mero gesto de bondade, é um ato político consciente: desejo, de todo coração, a todos e todas, a cada um e cada uma, dias (e noites) intensos e inesquecíveis de outono. E que seja logo.

30 de maio de 2008

SOBRE A DUPLICAÇÃO DA BR-470

Há boas razões para se reivindicar a duplicação da BR-470. Uma delas é que rodovias bem menos importantes, da perspectiva da densidade populacional e do ponto de vista socioeconômico, são duplicadas. Claro: a principal é o número de vítimas acumuladas nos últimos anos. Mas é bom não perder de vista o contexto mais geral da questão. Lembremos, inicialmente, que, entre as vítimas, estão algumas por atropelamento. Parece haver evidência suficiente de que a pouca distância entre povoado e rodovia favorece o contato perigoso entre moradores e veículos. Algumas vítimas resultam da proximidade entre transeuntes e estradas. Em outros lugares, a solução foi construir estradas longe de povoados e, sobretudo, impedir que se estabelecessem povoados próximos a rodovias.

Outro ponto que parece importante é o econômico. Não é um absurdo que a sociedade se torne refém de um artefato tão caro – e tão perigoso – como o automóvel? Nem falo dos custos de consórcio, emplacamento, licenciamento, seguros, combustível, oficina, pedágios. Falo dos relativos à polícia rodoviária, hospitais, depósitos de ferro velho – e construção ininterrupta de novas estradas e conserto permanente de velhas. Em outros lugares, a solução incluiu economias significativas com um uso mais eficiente de recursos públicos. Isso leva ao terceiro ponto: o das opções de

transporte. Se a BR-470 exibe um triste quadro de sofrimento, então é porque suas vítimas têm origem em acidentes envolvendo carros, caminhões, ônibus, motos. Por que não pensar em alternativas?

Por que não substituir o transporte rodoviário, pelo menos, em parte, por trens e barcos? Em outros lugares, a solução contemplou essas e outras opções de transporte mais seguras. É indiscutível que se deva exigir dos governantes o atendimento dessa demanda. Porém, para não ter que fazer novas campanhas por mais pistas, é preciso colocar a medida de curto prazo – a duplicação da BR-470 – no contexto mais amplo de providências de caráter duradouro. Acabará saindo mais barato. E será mais seguro. E é mais sensato..

1º de agosto de 2008

MAICON TENFEN



Escritor e professor universitário, Maicon Tenfen tem uma queda pela polêmica. Com estilo provocador, suas crônicas despertaram longas e acaloradas discussões na seção de cartas do Santa. Colaborou com o jornal até meados de 2013.

Ai de ti, Blumenau, porque é chegado o dia derradeiro. Ai de tua soberba e jactância, de teus ares de falsa nobreza, de teu amor por efemérides e páginas sociais.

Ai de teus padres e pastores hipócritas, de teus cronistas blandiciosos, de teus políticos - de teus políticos que cavalgam a mediocridade - que abusam dos poderes usurpados ao povo e labutam para protegerem-se uns aos outros.

Ai da ignorância de que te orgulhas, Blumenau, da vileza que inunda tuas praças, de tuas escolas que perpetuam o conformismo, das multidões que cantam loas às bandeiras brancas. Ai de teu povo cego que transporta o chicote do algoz, de teus ricos indiferentes e de teus pobres que se alimentam com as mentiras do além. Ai de tua vulgaridade consumista, de tuas leis fúteis e acanalhadas, de tuas ruas sem imaginação.

Ai de teu preconceito e intolerância, de tua crença - de tua maldita crença inquebrantável – na submissão e inferioridade do próximo. Ai de ti, espúria Blumenau, que foste torpe com a caridade alheia, que ainda te arrogas o privilégio de ser a preferida dos deuses.

Não te sentes para esperar, pois breve pagaráis o preço por teres vendido a tua alma de infanta, por teres acreditado na envergadura de tuas pretensões e feito pacto com os demônios da vaidade.

A espada da justiça recairá sobre este vale de lágrimas e fluoxetina, e o mais rico dos teus filhos comerá das sobras da mendicância. Haverá trevas e solidão, choro e ranger de dentes.

Prepara pois teu corpo lindo, teu sepulcro

caiado, para o baile da despedida mundana. Abotoa o vestido com que escondes tuas máculas e imperfeições. Entrega-te de vez ao bezerro de ouro, aos feitiços da usura, ao espelho que se exime de revelar a cárie do teu sorriso e o vazio do teu olhar.

Consola-te com tua moral de fancaria, com o elogio que os tolos derramam sobre ti. Contenta-te com as horas que te restam, com o falso legado de teus pais, porque tu, ímpia Blumenau, não te esqueças de tuas origens, nasceste numa manjedoura de ossos e cocares depenados.

Recebe o meu ódio e o meu rancor, e imagina, ó tola, que a hipérbole dos meus sentimentos justifica as tuas pretensões. Mas a verdade, a grande verdade, ó dama da indecência, é que não existe mais lugar para tua mesquinhez. Antes de um alerta sem eco, álibi para o teu riso esnobe, minhas palavras são um réquiem, um epitáfio.

Ai de ti, Blumenau, porque é chegado o dia derradeiro.

21 de maio de 2009

O BLUMENAUENSE FUNDAMENTAL

Certa vez, depois de aturar o papo-aranha de um sujeito que glorificava o estilo ordeiro e o empreendedor da cidade, respondi que ele estava falando como um blumenauense típico. Naquela época, e isso expliquei a ele, a posição do adjetivo era crucial para debatermos o tema. Uma coisa é o “típico blumenauense”, aquela caricatura que aparece na TV em outubro, outra bem diferente é o “blumenauense típico”, algo como a caricatura da caricatura. Embora o sujeito não fosse blumenauense de berço (só “de coração”, como se exige de quem desembarca na nossa rodoviária), sinalizou que não havia gostado muito da gracinha. Com a amarela dignidade de um intelectual, farejei o perigo e dei um jeito de sair pela tangente.

Mas desde então não esqueci o assunto. Qual seria a expressão, o slogan, a palavra de ordem capaz de sintetizar esse estado de espírito característico da cidade? Descartando a banalidade dos discursos oficiais, tentei encontrar uma resposta na observação do cotidiano. Tenho uma amiga - blumenauense ela mesma – que reclama muito do clima “aquisitivista” da região. Contou-me que foi perdendo os colegas do chope e das baladas porque, conforme o tempo passava, todos botaram na cabeça que havia chegado a hora de cessar a diversão para adquirir o “casón” e o “carrón”. A imagem é interessante, mas ainda acho que é genérica e um pouco vaga. O ato de adquirir puro e simples não diz tudo, há algo faltando nessa história.

Pois bem. Após anos de meditação,

acho que descobri um retrato capaz de resumir, ao mesmo tempo, toda a grandeza e toda a miséria do blumenauense fundamental (e aqui uso nova nomenclatura para deixar a história do “típico” lá atrás). No último domingo, ao dar uma volta pelas ruas do meu bairro, não pude deixar de perceber a quantidade de pessoas lavando e encerando os seus carros. Nada novo nisso, mas o modo como o blumenauense limpa os automóveis, e em plena tarde de domingo, com o Faustão se esgoelando ao fundo, é uma dessas imagens que valem por mil palavras.

Existe uma espécie de ternura, de lascívia, mas também de orgulho e exibicionismo na forma com que acariciamos o mais representativo de todos os bens de consumo, e isso vale para o dono do fusquinha e o do BMW. Digo em minha defesa que tentei me livrar do pensamento, mas não teve jeito. De agora em diante, sempre que alguém mencionar o que seja um blumenauense fundamental, pensarei numa esponja e num sujeito esfregando o capô. E, claro, com o Faustão gritando “ô louco!” em algum momento.

30 de janeiro de 2009

CRONISTAS E ROMANCISTAS

Um rápido olhar sobre a imprensa brasileira contemporânea, ou mesmo sobre a imprensa mais antiga, abarcando todo o século 20 e boa parte do 19, revelará a constante e ostensiva presença de cronistas que, nas horas vagas, dedicaram-se também ao romance, o mais braçal dos gêneros literários.

Exemplos temos em Machado de Assis e José de Alencar, em Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, em João Ubaldo Ribeiro e Carlos Heitor Cony.

Não deixa de ser curioso que os dois grandes extremos da prosa criativa, a crônica e o romance, a primeira tão sucinta e cotidiana, o segundo tão complexo e palavroso, costumem se tocar sob a pena de um mesmo escritor.

É claro que há um abismo entre os dois gêneros, mas ninguém pode negar que também existe uma espécie de simbiose entre a tentação do infinito que é o romance e o cotidiano ligeiro representado pela crônica.

Alguém, acho que o próprio Cony, já disse que tanto o cronista quanto o romancista são peixes que não podem viver fora da água.

A diferença é que, por viver no aquário, o cronista desfruta de maior visibilidade, daí os seus malabarismos para se manter em evidência e disfarçar a sua irrevogável condição de superficialidade.

O romancista, por sua vez, é um peixe de águas profundas, quase ninguém o vê, por isso costuma surpreender os que decidem segui-lo para descobrir as belezas de um

mundo novo e inusitado.

O mais interessante é que tanto o romancista quanto o cronista, cedo ou tarde estafados por sua solidão, sentem uma irresistível necessidade de bater as barbatanas em outras águas.

Mesmo que corra todos os riscos, chegará o momento em que o peixinho do aquário tentará desbravar o fundo do oceano.

Do mesmo modo, o sisudo peixe das profundezas começará a se perguntar como seria viver, nem que fosse por um tempo, sob as luzes do aquário, na vitrine de uma crônica de jornal. Mas não devemos encerrar antes de lembrar a antiga máxima musical: “tudo que sobe desce, tudo que vem tem volta”.

Ao fim e ao cabo, graças às experiências conquistadas em outras águas, cada peixe retornará ao seu habitat natural.

28 de setembro de 2011



ARTUR MOSER

MORAR EM BLUMENAU

O Outro dia uma senhora me parou na rua e disse que adorava morar em Blumenau.

Sim, adorava, adorava, adorava!

Apesar do valor abusivo do IPTU e da administração atabalhoada do DEM, apesar das carrancas nos pontos de ônibus e da aparente antipatia desse povo loiro e pouco dado à conversa fiada, apesar ainda das enchentes e da atual poeira nas ruas, a Dona Tereza – pois se chamava Tereza - reiterou, e fez isso martelando as sílabas de um verbo gratuito e meio abilolado, que a-do-ra-va morar em Blumenau

– Que máximo! – respondi como quem tenta participar da alegria geral do município.

– Fico ex-tre-ma-men-te feliz pela senhora!

Depois segui caminho porque o tempo urge e a vida, pois é, ela continua, gostando-se ou não do lugar onde vivemos. Mas relatei essa passagem porque se trata de uma daquelas cenas que, justamente por serem tão desprovidas de sentido, adquirem um significado maior do que podemos supor à primeira vista.

Gostar de morar numa determinada cidade pode significar amor legítimo e verdadeiro, uma espécie de bairrismo inocente que jamais faria mal a ninguém, mas por outro lado, se pensarmos melhor, pode revelar uma forma de consolo e até mesmo de covardia.

Consolo porque, vamos e venhamos, é chato admitir que você não está por cima da carne seca, totalmente numa boa, colhendo os frutos de suas escolhas pretéritas, feliz e arreganhado como uma debutante na entrada do salão. E covardia porque – essa

é mais simples – é melhor e mais inteligente enxergar o que é bom e ignorar, varrer para debaixo do tapete, o que é ruim.

Conheço gente que adora viver em São Paulo, apesar do trânsito e do alto custo de vida; que adora viver no Rio, apesar da violência e da soberania das favelas; ou que adora viver em Floripa, apesar da invasão das subcelebridades espetaculosas. Vejam que nesse tipo de formulação frasal sempre existe um “apesar de”, o que nos leva à simétrica conclusão de que uma formulação contrária também seria válida. Você detesta a violência, a favelização, o caos no trânsito e as subcelebridades, mesmo assim gosta de morar em São Paulo, Rio ou Floripa.

Ou Blumenau. Quer dizer, quem gosta de ficar por aí expressando a sua a-do-ra-ção pela cidade em que vive nada mais está fazendo do que imitar o figurino. Agora deixem-me seguir o meu caminho porque o tempo urge e a vida, pois é, ela continua.

16 de setembro de 2011

LER É UMA DROGA

Ao longo dessa semana, visitei algumas escolas do Meio-Oeste catarinense para conversar com os alunos sobre leitura, informação e contemporaneidade. Confesso que fiquei impressionado quando perguntei quantos ali tinham o hábito de ler jornais, livros e revistas sem que o professor mandasse. A olho corrido, calculei que mais de 60% levantaram a mão. Ou mentiram ou não se fazem mais jovens como antigamente!

Fiquei jogando conversa fora com as turmas e acabei me esquecendo de falar o essencial: ler é uma droga! Quem tem um mínimo de bom senso evitará adquirir esse hábito decadente. Sim, é isso mesmo que você leu. Acho engraçado quando os professores e o governo atiçam os jovens com o mundo maravilhoso dos livros. “Ai, crianças, leiam, isso fará bem a vocês e ao país!”

Parecem traficantes aliciando menores no portão da escola. Confessei aos estudantes que a leitura não me fez o menor bem. Ao contrário. Fiquei mais inquieto, mais inconformado, mais crítico. Quem lê tende a deixar de lado o supérfluo e a enxergar o mundo com mais pessimismo. Isso causa sofrimento, quando não isolamento e até mesmo preconceito.

Quanto ao país, imagino que também não ganhou muito com campanhas do gênero “quem lê viaja!” Os argentinos têm fama de ser grandes leitores e mesmo assim elegeram Menem e o casal Kirchner. Leitura não é sinônimo de progresso ou inteligência. É apenas um vício lamentável. O livrólotra

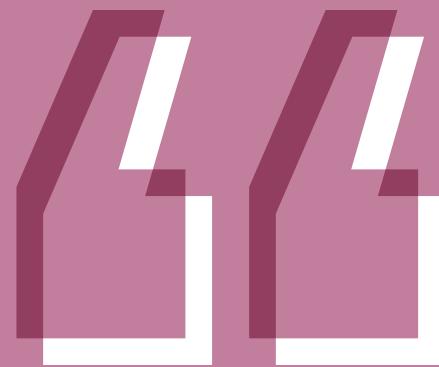
padece porque enxerga as traças com mais nitidez.

O pior é que, com o tempo, todo leitor acaba adquirindo um caráter investigativo e edipiano (nada a ver com a nomenclatura psicanalítica). Incitado pelo sábio Tirésias (os livros), o Édipo de Sófocles (o leitor) procura descobrir a identidade do infame que matou Laio (o que deseja, no fundo, é resgatar a ordem do universo). Ao fim do inquérito, Édipo fica mais confuso, e o máximo que consegue é descobrir que ele mesmo, o pior dos pecadores, assassinou o pai e desposou a mãe.

Como acontece na tragédia grega, o leitor é aquele que cria condições de enxergar sua verdadeira face, esfinge impiedosa que não hesitará em devorá-lo. Só os loucos aceitam o destino de ter os olhos furados. Os prudentes preferem ficar protegidos na sua ignorância ágrafa e inofensiva.

Aos 60% lá do Meio-Oeste que devem estar me lendo (ô gurizada imprudente!), faço a recomendação que me escapou noutro dia: renunciem à leitura enquanto é tempo. Essa viagem não tem volta.

31 de outubro de 2008



**A LEITURA
NÃO ME FEZ O
MENOR BEM.
AO CONTRÁRIO.**

EVANDRO DE ASSIS



Jornalista e professor universitário, é editor-chefe do Santa desde 2012. Publicou textos regularmente às quartas-feiras entre 2011 e 2012.

SAUDADE

Há 15 anos o assunto era obrigatório nas conversas nostálgicas dos meus amigos de infância. Bastava nos reunirmos para surgirem recordações, dentre as peripécias de um bando de moleques à solta no Bairro Fortaleza na década de 1990, das tardes frias de inverno que passávamos trancados dentro de casa jogando Mario Kart. O jogo japonês completa 20 anos em 2012, mas a julgar pela frequência que falávamos dele, parece termos 50, jogo e moleques.

Se você é jovem ou experiente demais para saber do que estou falando, explico: Mario Kart é um cartucho (na época se chamava assim) do vídeo-game Super Nintendo, febre entre os adolescentes da minha geração. Era avançadíssimo para a época, mas nem tão encantador a ponto de substituir bicicletas e bolas de futebol quando o sol aparecia. O enredo da corrida de carros eletrônica é simples demais, bobinha até. Provavelmente mora aí a graça da coisa.

De tanto falar em Mario Kart, um dos moleques, hoje trintão barbado, acabou comprando um Super Nintendo de segunda mão, ano passado. A caixa veio cheia de jogos, mas nada dos irmãos Mario. A tristeza foi tanta que caí na besteira de prometer comprar o cartucho. De lá pra cá, não houve dia sem que se falasse na promessa.

Cansado das cobranças, achei um cartucho usado à venda na internet semana passada. Domingo à noite, levei a encomenda à Fortaleza. Foi aí que a fria tecnologia botou as coisas nos devidos lugares.

A novíssima televisão de tela plana

ignorou o velho Nintendo. Foi preciso recorrer ao aparelho de tubo, esquecido num canto. Funcionou, mas a deceção foi ainda pior. Habitados aos HDs, Blue Rays e Playstations da modernidade, mal acreditávamos na imagem tosca que surgiu diante dos nossos olhos. Nem no som estridente, infantil. Estavam lá Mario, Luigi, a princesa e todos os outros personagens, mas na memória parecia tudo mais bonito, definido, bem feito. Melhor seria ter mantido assim, afinal.

Diante do indisfarçável desencanto, resolvemos jogar uma partidinha antes de eu voltar pra casa. Ao menos rendeu risadas. De novo, então. Outra, mais uma, agora é minha vez, não, você jogou a última... Três horas depois, gargalhávamos. Ninguém conseguia ir embora. Éramos os adolescentes de 13, 14 anos reunidos novamente. Sempre fomos, e não tinha nada a ver com vídeo-game.

O jogo ultrapassado nos lembrou do que de fato se constitui a saudade.

13 de junho de 2012

FECHEM A CIDADE

Moro perto de um clube. Um ou dois sábados por mês, bailes de casamento fazem tremer as madrugadas do salão com repertório musical de ocasião: começa com Kenny G., passa por Elvis e Chuck Berry, chega a Wisky a Go-Go, forró, sertanejo e vai terminar às 3h com o funk carioca gritando galanteios de gosto duvidoso. Por ser mais tolerante que o blumenauense médio, nunca procurei ajuda da polícia para baixar o volume (se possível fosse, pediria que variassem o setlist), mas sei que a vizinhança nem espera terminar Rock Around The Clock para discar 190.

Em solidariedade a meus vizinhos, defendo que bailes de casamento sejam limitados ao período entre 8h e 22h no clube e em todas as outras sociedades embutidas em zonas residenciais. Fora deste horário, portas cadeadas. Da mesma forma, desejo que se interdite o cruzamento aqui perto de casa de madrugada para dar um basta aos motoqueiros que se esforçam para explodir o escapamento de tanto acelerar. Aplique-se a regra a todas as ruas onde o problema atrapalha o sono alheio, uma vez que a Guarda de Trânsito não fiscaliza a infração.

Também merecem interdição, para pedestres inclusive, as ruas por onde circulam os desocupados que teimam em divertir-se em horário impróprio, como a Antônio da Veiga. Imagine o sofrimento de quem mora nos prédios da via, obrigados a suportar a algazarra dos jovens que circulam por ali de quarta a domingo. Está claro que a Polícia Militar não terá condições de fiscalizar a rua inteira todo o tempo, então melhor acabar com a bagunça.

No Ramiro Ruediger, futebol só até 22h, já que os peladeiros não sabem jogar de boca fechada. Os ônibus, talvez a fonte de barulho mais comum das madrugadas, devem deixar de circular após este horário.

Como se vê (ou ouve), o som automotivo na Prainha é fichinha perto do pepino que as autoridades teriam pela frente se estendessem a guerra ao barulho noturno para toda Blumenau. Ao mandar cercar uma praça minúscula, sem rotas de fuga, sob o argumento de dificuldade na fiscalização, nossas autoridades abrem mão do dever com a maior naturalidade. E recebem aplausos!

Passiva, a população não percebe o precedente aberto pela lógica absurda de interditar o que deveria ser fiscalizado. Ou os moradores da Ponta Aguda têm mais direitos que os demais blumenauenses? De minha parte, prometo paz aos bailes da vizinhança. Até que exista lei regrando o repertório das bandas de casamento.

27 de junho de 2012

TROTE É HUMILHAÇÃO

Não existe trote universitário sem humilhação. São coisas indissociáveis. Presenciei dois deles na última semana e posso garantir: a brincadeira continua sendo exatamente como na minha época de faculdade. Veteranos mandam, calouros submetem-se cabisbaixos. Recomendo ler o texto até o final antes de soltar um "É isso aí!".

Ainda que as boas-vindas à faculdade ocorram na forma de uma gincana caretta promovida pela instituição, sem tinta no cabelo e bebidas alcoólicas, calouros sempre serão calouros e veteranos, veteranos. A submissão de um ao outro baseia o ritual de acesso à universidade, e ninguém é submisso sem humilhar-se.

A vida em sociedade é uma sequência de rituais de iniciação. No batismo, a água na cabeça da criança cristã simboliza o acesso dela a um círculo social dotado de regras, às quais deverá se submeter ao longo da vida para inserir-se no grupo. A criança chora de susto com a água gelada. Nós sorrimos de compaixão.

Pilotos de avião novatos levam um banho de óleo após o primeiro voo solo. Na tribo amazonense Sateré-Mawé, o garoto índio precisa enfiar as mãos em luvas cheias de formigas 19 vezes diante da tribo. Só então é reconhecido homem.

Fui longe demais? Voltemos a Blumenau. Antes de uma mulher se casar, as amigas a submetem ao chá de panela. É costume a noiva vestir muita roupa, porque será obrigada a tirá-la, peça por peça, se não conseguir adivinhar o que há dentro dos pacotes de presente.

Não raras vezes, a noiva é exposta suja e em trajes sumários na via pública para pedir dinheiro aos passantes.

Se esta mulher tiver um filho, vai promover um chá de bebê, que será batizado, irá à escola e um dia passará no vestibular. Terá o cabelo raspado e a testa lambuzada com batom - se escapar dos amigos, os pais se encarregarão da brincadeira. Aí, quando sentar no banco da universidade pela primeira vez, será convidado a participar de um trote.

Para ser humilhado, como aceitamos ser ao longo de toda a vida na ânsia em sermos aceitos.

O trote universitário consiste no abuso irracional de vítimas indefesas, aos olhos dos críticos. Aos ouvidos de gente na casa dos vinte e pouquíssimos anos, mais interessada em enturmar-se, mesmo que para isso tenha de tirar banha de porco do cabelo numa mangueira d'água, esse discurso soa uma chatice.

Até crescerem adultos mal-humorados e esquecerem disso.

14 de março de 2012

NA INFÂNCIA O NATAL É MAIS BONITO

Esta época do ano, quando dias mais longos e noites calorentas empurram os blumenauenses para fora de casa, invoca prazerosas memórias dos antigos Natais que vivi por aqui. As ruas dos bairros recebem o barulho das crianças em férias e as calçadas, cadeiras de praia onde sentam vizinhos a compartilhar o fim de tarde. No Centro, o comércio e os barzinhos enchem até bem tarde, e não faltam ciclistas e corredores ocasionais a disputar espaço com os carros. É gostoso esse raro clima diário de confraternização, hoje potencializado pelo Parque Ramiro Ruediger.

Sempre que o calendário marca o início de dezembro e as luzes coloridas do Natal acendem na Ponte de Ferro, recordações da infância surgem sem aviso, não é verdade? Aconteceu comigo no domingo, durante passeio pela programação natalina montada na Vila Germânica.

Lembrei imediatamente da loja Hermes Macedo, a HM, que ficava na XV, ali no prédio onde está o Bremen Zenter. Não eram os desejos infantis de consumo que me despertavam encanto, mas um presépio gigante (assim ele parecia, ao menos), com bonecos em movimento e cenários detalhistas. Era hipnótico. Ainda é.

Tenho viva na memória a expectativa de subir por escadinhais e rampas intermináveis daquele lojão para chegar ao presépio. No caminho, outro motivo de encanto (ok, aqui admito a sede consumista) e diversão: os pianos em miniatura da Brinquedos Hering ficavam expostos e qualquer um podia sentar e tocar.

Hoje imagino os pobres vendedores, pacientes ouvintes de pirralhos pianistas dando lambadas dissonantes nas teclas, iguaizinhas às de instrumentos de verdade. Ainda posso ouvir o som.

A HM fechou nos anos 1990, levada pelo dominó de falências que varreu grandes redes varejistas brasileiras. As sensações despertadas por ela em milhares de crianças com aquele presépio, porém, vivem até hoje.

Só por proporcionar essa duradoura fantasia às crianças, o esforço de alguns abnegados para fazer um Natal bacana em Blumenau já vale a pena. Tem defeitos? Tem. Compara-se ao de Gramado? Não. Mas fico imaginando... se um presépio e pianinhos em miniautra marcaram minha infância, que memórias fantásticas os pequenos de hoje guardarão da neve artificial, de bonecos gigantes iluminados e de um verdadeiro presépio humano, formado pelos desfiles?

Na infância o Natal é mais bonito.

7 de dezembro de 2011

ENJOO DE OKTOBERFEST

Houve uma época em que Oktoberfest era coisa de outubro. Curtia-se, semanas antes da abertura, uma ansiedade gostosa por encontrar os amigos no Pavilhão C, exibir uma cartela de tíquetes de chope e dançar músicas que ninguém dança ao longo do ano, salvo os grupos folclóricos. Havia uma espécie de rito etílico a organizar a bagunça e os fatos se sucediam numa sequência natural:

O friozinho na barriga dos primeiros dias se dissolve ali pela segunda sexta-feira. O pavilhão cheio começa a incomodar, você percebe quando o chope está apenas fresco e descobre que, na verdade, o legal da Oktober são os amigos e as pessoas novas que se conhece – em especial as do sexo oposto.

Na última semana, o festeiro não entende por que diabos a festa tem 18 dias se no Alô Blumenau todo mundo entoa 17. A contagem regressiva é dolorosa. O chão dos pavilhões, irremediavelmente úmido, exala odores acumulados. Você começa a se questionar se as bandinhas pioraram ou se está bebendo menos para aguentar até domingo. E começa a faltar assunto com os convivas depois da 15^a noite de zicke-zacke. Aí a Oktoberfest acaba, as bandinhas silenciam, o Cao Hering publica no Santa um charge de dois alemãezinhos lamentando e inicia-se a contagem regressiva. Viva!

Nos últimos anos, deturpou-se a ordem natural. Estamos em abril e a Vila Germânica já promoveu sete noites de Oktoberfest, uma a cada duas semanas.

Notem: falta meio ano para a festa de verdade!

Depois da Sommerfest, promovida no intuito de trazer a Blumenau o turista praiano, inventaram a Vorfest. Sexta-feira passada fui lá dar uma espiada por dever jornalístico, conforme expliquei lá em casa.

Deixei o Pavilhão C (Setor 3, como queiram) menos de uma hora depois de entrar. Só deu tempo de beber um dunkel, encontrar alguns amigos, perder a paciência com a música alta e sentir no ar um desânimo coletivo – ninguém dançando e as mesas cheias de gente com o queixo apoiado nas mãos.

A política municipal, acertada, é fazer turismo o ano todo. Mas a programação sugere que só gostamos de Oktoberfest. Até na (belíssima) festa de Réveillon havia bandinha alemã tocando. As salas lotadas do nosso festival de teatro e o prestígio que a população costuma dar às raras apresentações musicais ao ar livre - como quando a orquestra da Furb vai ao Parque Ramiro - me levam a crer que há espaço para criações.

Por favor, não nos façam enjoar da Oktoberfest.

6 de abril de 2011

Ecólogo e professor universitário, Lauro Bacca é referência quando se trata de preservação do meio ambiente em Santa Catarina. No Santa, escreve semanalmente sobre temas diversos, sem perder de vista sua paixão pela natureza.



LAURO
BACCA

DESPACHANTES AMBIENTAIS

O dia da árvore na escola foi marcado pelo plantio da muda de Pau Brasil. Cada aluno participou, ajudando a fechar a cova com uma colherada de terra. Nos dias seguintes todos ajudaram a regar a jovem planta. A escolha da espécie de árvore não poderia ter sido melhor, pois, conta a história, foi dela que surgiu o nome definitivo de nosso país. O fato, ocorrido no distante ano de 1944, foi lembrado nesta semana por uma das que plantaram a árvore, a hoje idosa Senhora Rita Zanella, em função da ameaça de corte, um despautério do qual a árvore escapou graças à rápida mobilização feita na internet pela professora Aline Naíssa Dada (Santa, 21 de julho).

Aline, hoje uma jovem professora, fez parte de uma das intúmeras gerações de alunos que brincavam e lanchavam ao redor do Pau Brasil da Escola Estadual Raulino Horn, de Indaial até um tempo recente, em que as crianças tinham acesso à árvore, ao contrário do que ocorre hoje. Quase sete décadas e todo um cabedal de lembranças e simbolismos de várias gerações, porém, de nada valeram a partir do instante em que a ignobil cegueira burocrática reduziu aquele Pau Brasil a nada mais que um simples estorvo ao estacionamento de vans de transporte escolar e que, por isso, deveria incontinenti ser arrancado, vir impiedosamente abaixo.

A tentativa de sentença de morte da árvore começou com uma autoridade estadual de educação (Educação?), que autorizou obra municipal dentro da escola estadual. O órgão ambiental da cidade, que teria muito mais obrigação de analisar o caso em todos os seus aspectos antes de carimbar mecanicamente um papel, já tinha emitido a autorização de

corte, felizmente não efetivado. Esse é apenas um exemplo de como boa parte dos órgãos ambientais municipais e até mesmo a Fatma Estadual, se transformaram em carimbadores, despachantes ambientais.

Os despachantes ambientais adoram licenciar e fiscalizar apenas seguindo regras. Fora isso pouco ou nada fazem, ou melhor, parecem fazer questão de nada fazer. Se entre suas atribuições consta a implementação da Educação Ambiental nas respectivas esferas de atuação, são esses despachantes os primeiros a não cumprir com os consagrados princípios e diretrizes dessa mesma Educação Ambiental, que pressupõe “envolvimento de valores, interesses, visões de mundo, abordagem de uma perspectiva crítica e transformadora dos desafios ambientais a serem enfrentados pelas atuais e futuras gerações”.

Os despachantes ambientais, que pouco atuam na formação (interna e externa) de mentes críticas e transformadoras e tampouco “aprofundam o pensamento crítico-reflexivo mediante estudos científicos, socioeconômicos, políticos e históricos a partir da dimensão socioambiental ...”, parecem ter caído no agrado de muitos gestores públicos. Afinal, pra que cérebros pensantes em autênticos órgãos ambientais se o que lhes basta são meros despachantes ambientais?

28 de julho de 2012

A MINHOCA COR-DE-ROSA

O Universo observável é composto de uns 170 bilhões de galáxias, cada uma com seus bilhões ou trilhões de estrelas. Uma dessas galáxias, de nome romântico, é a nossa Via Láctea. O sol que nos ilumina todos os dias é uma das quase incontáveis estrelas da Via Láctea. Seu terceiro planeta é a Terra, nosso lar. No contexto do universo, a Terra não passa de um invisível grão de areia na praia, mas que para nós é tudo. É nele que existe vida abundante que floresce e explode numa infinitude de ecossistemas, espécies e variedades dentro das espécies, que chamamos de biodiversidade.

A biodiversidade na face da Terra estava indo muito bem, obrigado, até que uma de suas espécies, uma das últimas que surgiram, resolveu dar uma de inteligente. Tão inteligente que faz da sua luta pela vida a morte de inúmeras outras vidas parceiras suas no equilíbrio da Biosfera. Um tiro no escuro e no pé, ainda por cima.

Somos a antítese da bíblica Criação. Se tudo foi feito do nada ao nada reduzimos tudo. Chamamos de construção a destruição. Poluímos feito uns doidos e provocamos incêndios devastadores. Florestas e campos naturais explodindo em formas de vida transformam-se em lavouras e pastagens sem fim de uma espécie só. Milhares de cidades e metrópoles reduzem tudo a asfalto e concreto. Milhares de rios caudalosos são afogados por lagos artificiais, enquanto secamos lagos naturais e áreas úmidas e temos a cara de pau de reclamar quando a natureza não nos fornece água em abundância, como agora em São Paulo.

Reduzimos vastas florestas a inúmeros

fragmentos desconectados, a maioria pequenos demais para conter vida selvagem e mesmo assim neles entramos para matar por prazer. As estradas por onde passamos são passagem para a morte de milhões de bichos selvagens, todos os dias.

Isso não pode continuar. A “minhoca cor de rosa”, amigo Valther Ostermann, merece viver, mesmo que atrase alguma obra, como a duplicação da BR470. Nem ela nem a “perereca azul” são culpadas pelos nossos desmandos. Se tivéssemos real consciência do que estamos fazendo, não reclamaríamos. Pelo contrário, exigiríamos ainda mais rigor e não esse quase faz de conta de estudos ambientais que vemos em grande parte de nossas obras. Xinguemos os governos na sua vergonhosa inépcia ambiental, não a natureza, com seus bichos, plantas e fungos, que, como espécies, merecem viver, mais que a mais importante das nossas insanas obras!

14 de maio de 2014

SOMOS TODOS MACACOS, E DAÍ?

Não é preciso ser zoólogo. Já no ensino fundamental e médio aprendemos que a espécie humana classifica-se como sendo do Reino Animal, Filo dos Cordados, Classe Mamíferos, Ordem Primatas, Família dos Hominídeos, Gênero Homo e espécie Homo sapiens. Está claro, portanto, que dividimos com todos os macacos do planeta, do lêmure madagascarense ao orangotango de Sumatra e Borneo, do sagui ou macaco-prego sul-americanos ao gorila africano a mesma ordem dos Primatas.

Há 200 anos, quando Lineu classificou os humanos separados dos parentes próximos e sozinhos na família dos Hominídeos, isso pode ser um indício de preconceito. Hoje há cientistas que defendem que o homem partilhe esta família com nossos parentes mais próximos, ficando então composta pelos *Pan troglodytes* (chimpanzés), *Pan paniscus* (os simpáticos bonobos) e nós, então rebatizados para *Pan sapiens*. Se assim for, qual o problema?

Se nossa espécie tem um cérebro altamente desenvolvido, capacidade de linguagem e de resolução de problemas, se alterarmos o ambiente mais do que qualquer outra espécie, se temos autoconsciência, racionalidade, compaixão e sapiência, tudo isso não elimina o básico: somos todos macacos, nossa anatomia e fisiologia são tão animais quanto qualquer outra. Nossa educação e urbanidade faz com que nos contenhamos na maioria das vezes, mas, quando elegantes deputados e ilustres senadores às vezes se pegam no tapa em algum parlamento do planeta, podemos concluir que, os instintos animais primatas continuam presentes em nossos genes, dos quais somos todos reféns, como em qualquer outra espécie.

Preconceito é coisa de gente insegura de si. Ao comer a banana jogada contra ele, o craque Daniel Alves deu uma banana nos racistas, pessoas que se deixam levar por um primitivismo inqualificável. Dominados por uma miopia etnocêntrica, acham sua etnia a coisa mais perfeita e importante do mundo, sentindo-se incomodados e ameaçados quando outras raças revelam suas qualidades. Parece que vivem nas brumas da idade média. Acreditam tanto em sua superioridade quanto se acreditava, há até 400 anos, que o homem vivia no centro do Sistema Solar e do Universo. Não percebem, ainda, que somos todos iguais em direito e respeito, com igual valor e importância no baile da vida planetária.

Pessoalmente, me acho importante, mas não mais importante que outros seres vivos, que dirá seres humanos. Afinal, somos todos macacos e espero com isso não ofender ninguém, muito menos os macacos.

7 de maio de 2014

FURB, LEMBRANÇAS ...

A FURB já formou mais de 40 mil alunos nos 50 anos de profícua existência que completa depois de amanhã. Com imenso orgulho posso dizer que sou um deles. Ingressei na instituição pelo vestibular de 1970, quando havia não muito mais que 250 candidatos para a meia dúzia de cursos oferecidos. Fiz parte da terceira turma de História Natural, um dos cursos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que mais tarde foi modificado para Ciências Biológicas.

Não fosse a Furb, eu teria sido mais um que deixaria Blumenau para tentar estudar não apenas fora da cidade, mas também do estado, já que não havia a graduação de minha escolha por aqui. Rio Claro (SP), onde havia um excelente curso nesta área, teria sido um dos meus possíveis destinos. Fiz na Furb o curso dos meus sonhos, de boa qualidade e grandes mestres, fundamental para uma formação mais holística e grande visão da dinâmica da Terra, quando comparado aos cursos de Ciências Biológicas e isso me foi muito útil nas posteriores experiências pedagógicas e profissionais.

Depois de pisar na Furb pela primeira vez, dali não mais saí. Além de estudar, também passei a trabalhar na instituição, começando como bibliotecário auxiliar da Biblioteca Central, levado por Bráulio Schloegel, que solicitou minha transferência da Prefeitura de Blumenau para lá. Um emprego maravilhoso, impregnado de cultura e informação, num lugar onde circulavam professores e alunos de todos os cursos da época. Foi nessa ocasião que se iniciou o

sistema de classificação do acervo e ordenamento dos livros e periódicos por assunto, tudo escrito à mão, sem qualquer recurso de informática. Foi também na Furb que fundamos a Acaprena, a ONG ambientalista mais antiga do estado, há 41 anos.

A Furb do nosso tempo era diferente, quase familiar. Com apenas 4 blocos contíguos, as salas de aula, biblioteca, laboratórios, administração e lanchonete, tudo estava a poucos passos de distância, o que ampliava a convivência. Como resultado, quase todos se conheciam, do reitor e diretor ao servente. Para ajudar, disciplinas comuns, como Sociologia, Filosofia e Didática Geral uniam turmas aparentemente dispareces, como Química, Matemática e mesmo Letras dentro da mesma faculdade.

O reconhecimento dos cursos pelo Ministério da Educação era ansiosamente aguardado por todos, gerando, no caso do nosso curso, uma letra improvisada em cima da Canção do Exército, assim iniciada:

*"Nós somos naturalistas / e o diploma está em vista;
Porém, sem reconhecimento/
vemos frustrada nossa conquista ..."*

Bons tempos, nem melhores nem piores que os atuais. Apenas, bons tempos.



**A FURB DO
NOSSO TEMPO
ERA DIFERENTE,
QUASE FAMILIAR.**

JUS ESQUERDEANDI

O projeto da obra de proteção da margem esquerda, do ponto de vista da engenharia e da hidrologia, parece estar corretíssimo. Então, por que nossa implicância? Simples: esse projeto, tal como foi concebido, reflete como nossa sociedade vê a natureza, onde a fantástica dinâmica geobiofísica milenar de um rio, rico em habitats e formas de vida, na planilha dos engenheiros de uma sociedade de costas para a natureza, se reduz a um mero canal de escoamento de águas, nada mais. Mal e mal lembramos que os rios têm peixes e, mesmo assim, com segundas intenções.

Nessa visão reducionista da sociedade, a obra é considerada normal, até pelos órgãos ambientais, que se apressam em aprovar-la, de forma burocrática e autômata, sem qualquer questionamento ou reflexão que resultem numa proteção com a mesma eficiência, porém contextualizando o rio na complexidade infinitamente maior que um reles escoadouro, envolvendo a dinâmica da

paisagem, o natural e o social.

Quando são citados exemplos de renaturação de cursos d'água na Europa, os defensores da visão reducionista predominante logo dizem que por lá muitos rios estão concretados nas margens, principalmente quando cruzam áreas urbanas, que suas águas são limpas, despoluídas, etc. e tal. Acontece que a União Internacional para a Conservação da Natureza, IUCN, em extenso relatório divulgado no último dia 22, alertou a Comunidade Europeia de que os ecossistemas de água doce da Europa estão seriamente ameaçados, precisando de

urgentes medidas de proteção.

Entre as quatro principais causas dessa ameaça figura a perda dos habitats, exatamente o que estão fazendo com a margem esquerda aqui em Blumenau.

De 6 mil espécies avaliadas no estudo da IUCN, 37% dos peixes, 44% dos moluscos de água doce, 23% dos anfíbios, 19% dos répteis, 15% dos mamíferos e libélulas, 13% das aves e 467 espécies de plantas superiores, entre outras, estão seriamente ameaçadas. Dentre os peixes, afirma o relatório, o esturjão é o mais afetado, com sete das oito espécies em "situação crítica".

Todos os avanços já conquistados com a despoluição dos rios na Europa estão se revelando insuficientes para salvar os ecossistemas, dos quais depende a própria sobrevivência da espécie humana. Não basta controlar a poluição dos rios. Chegou a hora de proteger e recuperar também os habitats aquáticos.

A diferença é que na Europa, dado o alerta, logo buscam-se estratégicas de proteção da biodiversidade. A "coordenação sobre habitats", por exemplo, já deram bons resultados.

Por aqui, parte-se para trás, para a concretagem da margem esquerda. Pior, o rio alargou-se sozinho na última enchente e vamos gastar 10 milhões de reais extras para estrangulá-lo de novo.

Se os médicos tratassesem seus pacientes como tratamos o meio ambiente (repiro: com o aval dos órgãos ambientais!), não sairia mais ninguém vivo dos hospitais.

26 de novembro de 2011

SUSAN LIESENBERG



Jornalista blumenauense radicada em São Paulo, Susan foi repórter, colunista e editora do Santa nos anos 2000. Desde 2012 escreve às terças-feiras sobre temas locais, mas sob o ponto de vista de quem vive na maior metrópole da América Latina.

OBRIGADA, DEUTSCHLAND

RBrasil, 2014. Que Copa vivemos para ver! Copa das Copas, e não precisou o Brasil vencer para assim ser coroado o Mundial aqui. Nem nosso “blackout” tirou o brilho do evento (perder – e perder feio e em casa – pode ter mexido com o nosso brio, mas não comprometeu o esplendor do futebol mundial em lindas jogadas, partidas e torcidas nos nossos gramados). Queríamos que a Copa fosse ‘do’ Brasil. Acabou sendo ‘no’ Brasil. E nisso, nos tornamos campeões. Sem discursinho de prêmio-consolação, sediamos uma Copa inesquecível, nossa grande vitória.

“Endlich, der vierte Stern ist da!”, estampa o Die Welt, com o tamanho de um outdoor, a sua manchete há décadas pretendida: “Finalmente, a quarta estrela está aí!”. Quase um desabafo. Certamente, uma catarse. Desde 1990, as mesmas impressoras alemãs que criaram e levaram a imprensa ao mundo não publicavam o título de campeão. Agora, vão inclusive além dele: “Diese Elf holt noch einen Titel”, adiantou-se o popular Bild ao dizer que “Esses onze ainda vão buscar outro título”. Se vão!

Mal acariciam a quarta estrela no peito, as águias alemãs direcionam o seu rasante obstinado sobre a do penta. Tetra conquistado e Rússia 2018 fazem parte do presente deles, que definitiva, merecida e alegremente não vivem do passado que tinham de arrastar como bolas de ferro presas às chuteiras (o passado histórico e o esportivo, este com o peso das duas últimas Copas, em que suas asas falharam no dramático voo de quem chega a duas semifinais e cai vertiginosamente dali). Nós, brasileiros nostálgicos e românticos, é que vivemos das

glórias passadas, cada vez mais afastadas do nosso presente e do que fazemos para este objetivo.

“Über viele Jahre läuft die deutsche Fußball-Nationalmannschaft diesem Sieg hinterher”, escreveu o Frankfurter Allgemeine Zeitung. Tradução (especialmente para Seleção Brasileira, CBF, etc.): “Por muitos anos a Seleção Alemã corre atrás desta vitória”. Podolski, Schweinsteiger, Schürrle, Klose, o herói do tetra alemão Götze e as demais águias treinadas por Joachim Löw inspiram o mundo como exemplo de comprometimento, dedicação e agora simpatia (para quem ainda não sabia ou não admitia que os alemães são gente boníssima). Além de não permitirem que a Argentina erguesse a taça no Brasil, ter visto uma seleção tão determinada, unida e alegre nos fará ser eternamente gratos ao que os alemães nos ensinaram: o passado glorifica ou envergonha, mas é o presente que define o que somos. À Alemanha, todos sorrisos e vivas.

15 de julho de 2014

COISAS DA GENTE

Por essa época do ano, lembro sempre de um dia em que o Cao, o Hering, ligou na Redação e eu atendi. “Ooooh, Liiiesenberg”, disse ele, simpático, mas sempre nos pentelhando por causa das suas fotos publicadas no topo da coluna da revista Viver! (“Vocês me deixam com uma cara esquisita. Como conseguem?”, reclamava ele, que é míope) ou querendo saber dos assuntos do dia para desenhar a charge. “Que bom falar contigo. Wie geht’s?

Escuta, deixa eu aproveitar e te perguntar uma coisa: de onde tu tiras aquelas histórias todas que escreves? Eu nem sabia que aquelas coisas ainda existiam”. Era uma véspera de Páscoa e eu tinha recém publicado uma série de reportagens sobre os festejos da data na região dos Vales. Uma delas falava dos Stibas, espécies de seresteiros das madrugadas que percorrem as casas tocando músicas animadas saudando o domingo de Páscoa. Recebidos com comida, uma cachacinha, uns trocados e muita alegria, era uma honra ouvir o som dos bandoneons e violões se aproximando e vê-los se postando no jardim ou em frente à porta de casa. Que festa era aquilo!

Outra reportagem mostrava amigos se reunindo para pintar ovos de galinha (e as galinhas. E os gatos. E os cachorros. E qualquer coisa que deixasse a vida mais colorida), crianças colhendo barba-de-velho, cepilho e palha para preparar os ninhos e as cestinhas, Omas mandando ver na produção de docinhos e receitas pascais no fogão a lenha, coisas assim. E eu nem precisava sair das Itoupavas, onde morava, para encontrar essas histórias.

Aliás, para vê-las. Outro dia, uma amiga nascida e criada em São Paulo me surpreendeu contando algumas delas. Na infância das suas filhas, hoje com 30 anos, ela e a família foram para Santa Catarina num feriadão de Páscoa. A ideia era curtir as praias, mas a passagem por Blumenau e região mudou o itinerário daquela viagem. Encantaram-se com casas e jardins decorados, árvores inteiras com ovinhos pendurados, ninhos escondidinhos nos canteiros para serem abastecidos pelo coelhinho na manhã de domingo. E doces, docinhos, chocolates e outras delícias nas confeitorias pelo caminho.

Passaram aqueles dias percorrendo um mundo mágico que não conheciam. Antes de voltarem a São Paulo, ela presenteou as meninas com ovos de chocolate comprados no supermercado, levados na bagagem. Mas eles já não tinham a menor graça. Elas só queriam saber dos “ovinhos da Santa Catarina”. Nunca mais se esqueceram dos sabores e cores da Páscoa mais especial que viveram. Que viveram aí, na nossa doce terra.

15 de abril de 2014

Casa de praia é a prova concreta de que é preciso de muito pouco para se ser muito feliz. Cito aquelas casinhas bem simples, não mais que quatro paredes, uns móveis básicos – uma mesinha para quebrar um galho, cadeiras que se equilibram teimosamente sobre pés bambos e cansados, uns colchões do tempo de quando Jesus foi tirar um cochilo após a Santa Ceia –, uma daquelas geladeiras que desafiam a longevidade e a tecnologia (muito valentes em cumprir a tarefa a que se destinam, aliás), talheres quase medievais, xícaras de todos tamanhos, procedências e avarias, um chuveirinho preguiçoso mas honesto, e deu.

Uma margarina superfaturada no mercadinho da esquina, pãozinho, leite, uns frios, uma geleia ou um “mumu” para adoçar a vida quando o sal do mar secar a garganta de fome. Bombonas de água, Nescafé, frutas, verduras. Uma massinha para fazer uma comidinha jogo-rápido quando o apetite apertar (e a preguiça de cozinhar também), uma caixa de bombons com-dono-mas-sem-dono sendo deliciosa e gradativamente depenada sobre a mesa, e deu - parte 2.

TV pegando mal, rádio sempre bem, celular quando ‘tá afim (mas isso é o ano todo, né, operadoras?). O meio de comunicação oficial da temporada é a conversa na varanda, à beira-mar, na rede enjambrada na garagem, na sacada, ou jogadão no assoalho mesmo (Willis Carrier, criador do ar-condicionado, que não puxa o meu pé de noite enquanto eu durmo, mas às vezes não há maior frescor do que deitar no chão mesmo). E papo entre amigos, familiares, conhecidos.

TÃO POUCO PARA TANTO

Isso sim a gente precisa curtir mais. Isso sim é algo a se compartilhar com quem queremos bem.

Uma toalhinha puída, um sabonete qualquer. Areia indo pelo ralo e novas energias subindo pela pele, pelos poros, na alma. Fila no banheiro, faz parte. Fila de abraços na despedida, a parte chata da parte boa de ter estado ali. Fila na estrada. E uma fila muito maior de lembranças quando retornamos aos nossos lares bem equipados, refrigerados, mobiliados, abastecidos (de comida em excesso, mantimentos, eletrodomésticos, de coisas que não nos fazem falta alguma).

Retornamos às nossas casas confortáveis e sentimos falta daquela casa do chuveiro que goteja, da geladeira soluçante, das panelas velhas e suas comidas boas, dos dias vividos no desapego das coisas. Dos dias vividos no afeto das vivências. É preciso de muito pouco para se ser muito feliz. E se no fundo da caixa sobre a mesa capenga você ainda encontrar um último bombonzinho e for o seu predileto, aí, amigo, você ganhou na Mega-Sena.

7 de janeiro de 2014

JESUS, APAGA A LUZ

Não são alguns dos meus textos que contêm alto teor de ironia. Irônica é a vida, e em sua versão nem um pouco fina. Eu me limito a falar dela como ela é. Fazendo a minha ronda de leituras durante o final de semana, entre o rescaldo do que passou e o frescor das informações atuais, me senti novamente absolvida do crime do sarcasmo, se assim alguém julgar que rir das coisas do mundo – para suportá-lo – possa ser considerado. Assim como um herege homofóbico deverá presidir a Comissão de Direitos Humanos da Câmara de Deputados, as piadas – elas sem nenhuma graça, enquanto meus textos ainda podem ter alguma, dizem – já vêm prontas.

Depois da diabólica manobra política de nomearem o capeta para defender os anjos, agora aparece Cristo, o Inri, querendo incendiar o conclave (sob o altíssimo risco de virar ele mesmo a

fumacinha da chaminé).

Pois eis o que disse o autointitulado Jesus, nascido no inferno térmico de Indaial, à Folha de S.Paulo (Deus, quanta ironia!): “Esperava que Bento XVI tivesse um furtivo momento de iluminação e dissesse: ‘Olha, não tem mais razão de ser papa, essas coisas todas, porque o filho de Deus está de carne e osso na Terra’”. E, rumo a Roma, roendo-se de raiva, continuou a pregação messiânico-lexotânica: “Não escolhi ser Cristo, não posso vos obrigar a saber quem sou, mas isso não altera a minha realidade.

Pensais que é fácil obedecer meu Pai? Andar em

indumentárias assim? Com os ignorantes zombando de mim?”. É, não deve ser fácil ser Gezuis, que além de não ser reconhecido entre nós, sofre preconceito pela simplicidade das vestes de quem fugiu do Pinel (não que ele seja).

Mas se Bento XVI não teve a iluminação de reconhecê-lo durante o warm up, o “esquenta” da eleição papal no Vaticano, pelo menos em Palhoça fez-se a luz. Fez-se o Nirdo Artur Luz, prefeito da cidade, que parece saber das coisas. Ao serem descobertos (inclusive no sentido “vestuário”) os bastidores da festa dada a 800 servidoras pelo Dia Internacional da Mulher, financiada com dinheiro público e tendo a presença de um suposto gogo-boy em trajes sumários (benzadeus!), Luz profetizou ao Diário Catarinense: “O rapaz

é Mister Santa Catarina, capa da Revista G. Não houve strip-tease, o cara não ficou nu. Estava de zorra preta. Gogo boy usa cueca branca.”

Enquanto Jesus é ignorado por nós e avacalhado pelo seu visual simplório, minimalista, um pobre cidadão, pela humildade do que lhe cobre o corpo e buscando sobreviver com o pouco (pelo volume, nem tão pouco) que tem, vira o Cristo de Palhoça. Realmente, o mundo parece estar como o diabo gosta. Ironia minha? Não. Ironia da vida, porque diante do que tenho ouvido por aí, por aquilo que escrevo, eu sou é uma santa.

12 de março de 2013

DOCURA DE OMA

DPode até não haver um consenso sobre os significados e traduções de muss, Schmiere, "schmia" e seus deliciosos genéricos, mas uma coisa é indiscutível: um pão "schmiado" pela Oma da gente é a coisamais-gostosa-do-mundo-para-sempre-na-vida. Eu não só lembro dos tantos que a Oma Isa "schmiou" para mim e meus irmãos, como tenho até hoje o imenso privilégio de chegar às Itoupavas e comê-los, preparados pelas suas mãozinhas amorosas (Oma, ich liebe dich assim grandão ó!).

Ela já ouvia de longe os apelos dos netinhos correndo pelo pasto e pelos ranchos, imundinhos e felizes de tanto brincar no mato e na roça, voltando famintos para casa: "Omaaaaa, schmia um pão com muuuuss, por favooooor?" Mal dava tempo de a gente lavar as mãos. Eram Susan e Jullian (anos mais tarde, também o William) entrarem na cozinha e aquela maravilha – de banana, laranja, tangerina, xinxim, morango... – já estava prontinha sobre um pratinho com muuuuita doçura escorrendo por dentro dos buraquinhos do pão caseiro (às vezes, com um véu de nata por cima, deixando a infinita gostosura do pão "schmiado" pela Oma ainda mais infinitamente gostosa, e tudo feito por ela).

A gente afundava os dentinhos no pão e nhac!, sentia o muss adoçando os lábios, a boca, a vida. Deus, que sensação única de amor e sabor! A Oma Isa nos espiava com seus olhinhos azuis cheios de ternura e perguntava para os netinhos esfomeados (como pergunta até hoje): "Tá 'póm' o 'póm' com muss da Oma?"

Pora Oma, põe póm póm nisso! Inesquecível também era sentir o cheiro do muss quentinho sendo feito por ela. Nestes casos, mais do que motivados pela fome, corriámos de volta para casa disputando uma das provas mais importantes na vida de uma criança: quem chegaria primeiro para lamber – auslecken, em alemão – a panela?

Embora o Jullian fosse mais forte e eu mais rápida (o William – que não é nem uma coisa, nem outra –, tinha lá seus mimos garantidos por ser o caçulinha, a "raspa do tacho" dos netos), sempre dividíamos o restinho grudado no fundo e nas bordas. Deixávamos o panelão tão limpo que parecia que ele tinha sido lavado (de fato, mas pelos nossos dedinhos e linguinhas). Por pouco não comíamos a colher de pau junto. Exagero? Que nada. Puro amor, tão puro quanto o sabor único de um pão com muss ou Schmiere "schmiado" por quem a gente mais ama no mundo, e ama a gente com toda a doçura que pode existir nele, seja de Schmiere, muss, amor ou tudo xunto reunido no póm.

15 de fevereiro de 2013



PATRICK RODRIGUES

VIEGAS FERNANDES DA COSTA



Um apaixonado pelos livros, o escritor e historiador é o mais recente cronista do Santa. Estreou em 2013 com textos que convidam o blumenauense a refletir sobre a cidade em que vive.

DECLARAÇÃO DE AMOR

Nasci em teu seio, no ano de 1977, na maternidade Elsbeth Koehler, arrancado ao mundo pelas mãos experientes do doutor Clotar. Era verão, e nunca gostei do verão. 19 horas! Por alguma razão, é no cair da tarde que me cubro de melancolias, mas isso não interessa. Importa dizer que começo assim, revelando-te detalhes do meu parto, para que me reconheças meu filho e, reconhecendo-me, possas me amar com a mesma força com que sempre te amei.

Porque sempre te amei, sim! Este amor incestuoso entre filho e mãe, este amor honesto. De uma honestidade capaz de fazer doer, de revolver intimidades, de enxergar tuas doçuras, teus melindres e tuas pústulas. És minha Blumenalva, reconheço, a mesma cantada por Lindolf Bell, e também minha Blumenáusea. Trazes as ruas varridas, como nos versos de um “poema líricofotográfico”, mas tentas esconder teu sujo sob o tapete pesado e caro que estendes sob meus passos trôpegos.

Hoje vejo! O tempo em que me embriagava do teu chope nas bacantes de outubro, deu lugar à crueza do piche. O piche, minha Blumenalva, é o sangue em tuas artérias, a matéria que me faz enxergar.

Quantas vezes, Blumenáusea, entregamo-nos ao prazer voluptuoso, juntando nossos corpos em teu veio mais bonito. Este veio que agora concretam. Em tardes de garças, correste plena por entre meus dedos, meus poros. Lambeste meus cabelos com sofreguidão. Mas com o tempo fui percebendo o visco das

tuas águas, Blumenalva. Fui percebendo o odor dos teus mortos.

Tuas tecelãs passavam por mim em apertados esquifes de lata, trazendo nos rostos as marcas profundas de um cansaço centenário. Tuas tecelãs e teus operários. Eu os segui, minha mãe, e assim conheci tuas dobras e teus cumes, tuas grotas mais secretas. Senti raiva de ti, minha mãe! Uma raiva apenas permitida àqueles que realmente amam.

Por trás das tuas dobras, no alto dos teus cumes, no mais profundo das tuas grotas, açoitas teu sumo verdadeiro, castigas teus filhos com uma crueldade impensável a uma senhora de rosto tão bonito. Sim minha mãe, senti muita raiva de ti!

Hoje persigo a sombra dos teus aracuãs ainda possíveis em teu céu, e invejo a modorra do teu rebanho de capivaras. Teus aracuãs e tuas capivaras são, para mim, tua poesia, Nausealva. São, para mim, a despeito de todos teus esqueletos abandonados, dos teus tumores expostos, o bucólico que te confere graça, o viço que te promete vida.

São, para mim, a mão que me acarinha desde o dia em que aqui nasci.



NOS OLHOS DA CAPIVARA

ARTUR MOSER

Quero-me nos olhos parvos da capivara. Da capivara que espera às margens do veio que vaza. Quero-me nestes olhos parvos, como olhos parvos são os meus, os teus e os de tantos que também esperam, porque são nos tempos de enchente que Blumenau se descobre aguardo, tal qual nas páginas de um romance de Gregory Haertel.

São nos tempos de enchente que as máquinas param, que se desfiam histórias no escuro das casas e as horas tardam. São nos tempos de enchente que cada centímetro assume tons dramáticos, e o rio passa a protagonista absoluto do Vale. Este rio que no passado nos trouxe para cá, para o qual voltamos nossas costas, entretanto, e agora nos devolve ao mar, com fúria.

Pelos olhos parvos da capivara em que me quero, passam troncos, passam porcos, passam móveis. O rio, ao transbordar e espalhar sobre nossas ruas, no interior dos nossos lares, os excrementos da civilização, devolve-nos nosso humano. Nossa humano entulho, nosso esgoto humano. Dói-nos então esta cidade tão limpa, que se necessita lavada pelo lodo e pela lama para exercitar-se solidária. Porque à boca pequena sabemos, o blumenauense só é solidário na enchente.

A soberania de um Itajaí-açu enfurecido ensina-nos a humildade provisória, ensina-nos o tempo da espera, ensina-nos a dimensão da nossa insignificância. Provisória, pois sabemos que este mesmo vento intenso que agora varre dos céus os “cumulos nimbus”, acalmando as águas, varre também nossa consciência da tragédia.

Sendo verdade que os tempos de enchente são capazes de nos irmanar à capivara e seu olhar parvo e impotente, os ventos que varrem para longe as tempestades, devolvem-nos a soberba e o sentimento de onipotência. Devolvem-nos a empáfia da alma concreta que cultivamos com tanto esmero, e da qual tanto nos orgulhamos.

Não demora, reconstruiremos a história destes tempos de enchente ao nosso modo, como sempre fizemos. Cantaremos nossa burra tenacidade, a rapidez com que limpamos tudo. Nossas futuras estátuas e bustos tecerão longos discursos e com suas palavras alimentarão, tal qual no Nordeste a seca, nossa indústria das cheias.

Nós aplaudiremos, faremos festa, beberemos o porre da nossa glória. Assim nos arrastaremos por dias, semanas, meses, quiçá anos. Mediremos distâncias a passos largos, e os centímetros voltarão a ser tão somente uma insignificante marca na régua, e a régua um monumento a ser fotografado. E de tanto teremos nos esquecido, que chegará novamente o tempo em que nos lavaremos no lodo e na lama...

... o tempo de olhares parvos e impotentes!

26 de setembro de 2013

O BAIRRO MAIS POLONÊS DE BLUMENAU

Para mim era novidade, e recebi a informação com certa incredulidade da boca do amigo historiador Carlos Roberto Pereira. Mas, de fato, a Vila Itoupava caracteriza-se por ser o bairro mais polonês de Blumenau. Cheguei à conclusão depois de convencer Carlos a me levar até a distante comunidade Treze de Maio, região limítrofe a Massaranduba, e lá conhecer a família Kempczynski: senhor Tadeus, senhora Ana e seus seis filhos, todos falantes da língua polonesa.

Quando chegamos à propriedade da família, reformavam a casa, cuja fachada reproduz os traços da construção original, edificada pelo avô de Tadeus, emigrado para o Brasil durante a primeira guerra mundial. Obviamente, sempre soube da existência de uma colonização polonesa no Vale do Itajaí. Nos municípios vizinhos a Blumenau há ainda muitos descendentes deste povo eslavo, como no Bairro da Polaquia, em Indaiá. Mas confesso que não esperava encontrar tantos, e com sua cultura pátria tão viva, na Vila Itoupava, cujo senso comum e a propaganda turística sempre venderam como essencialmente germânica.

No final do Século 19 houve um grande fluxo de poloneses para a nossa região, momento em que o Brasil (recém inventado República) incentivava a imigração de mão de obra europeia. Entre 1890 e 1896, por exemplo, chegaram a Blumenau aproximadamente 2 mil poloneses. Entretanto, os números provavelmente não correspondem à realidade e estão subestimados, já que por muito tempo o território da Polônia esteve ocupado por diversas nações, dentre estas, a Prússia (germânica) e a Rússia.

Isto significa dizer que muitos colonos que aqui chegaram incluídos no grupo étnico dos alemães eram, na realidade, poloneses. Ao nos embrenharmos pelas estradas de terra do interior da Vila Itoupava, deparamo-nos com antigas residências de madeira talhada à mão, sem pintura, com sótãos baixos e lambrequins. O lambrequim, esta rica decoração de madeira instalada nos beirais dos telhados, cujo significado simbólico remete à proteção, à sorte e à harmonia.

Deparamo-nos com a fé em Nossa Senhora Czestochowa e com crianças que chegam à Escola Municipal Carlos Manske conversando em polonês. Nos sótãos dessas antigas casas há toda uma literatura eslava guardada em velhos baús. Na memória dos mais antigos, ricas histórias esperando para serem compartilhadas. Garantir a perpetuação desta cultura é enriquecer nossa história local, plural em origens e interpretações.

Esta cultura guardada no interior da Vila Itoupava, o bairro mais polonês de Blumenau.

10 de outubro de 2013



MUITOS DOS COLONOS ALEMÃES ERAM, NA REALIDADE, POLONESES.

O CARNAVAL DOS JUSTICEIROS

Sei que não é prudente ficar contando nossos sonhos por aí, principalmente em jornal. Não há nada mais íntimo e verdadeiro em um ser humano, nada mais assustador, do que seus sonhos. Entretanto, este da última noite foi tão aterrorizante e profético que me vejo na obrigação de compartilhá-lo como quem compartilha um fardo para aliviar seu peso.

Era um desfile de Carnaval. Não sei precisar se na Sapucaí ou se na Nego Quirido, tanto faz. Talvez outra passarela qualquer. Lembro-me de ter olhado para as arquibancadas e estranhar os rostos da multidão, todos iguais e inexpressivos. Na pista, ao longe, aproximava-se o abre alas, monumental, ostentando uma enorme cadeira elétrica, aquela mesma inventada pelo dentista estadunidense Alfred Southwick em 1881, com o objetivo de servir como meio de execução moderno, eficaz e humano.

A cadeira estava vazia, mas exalava um forte cheiro de carne queimada. Na sequência, aproximou-se a ala das guilhotinas. Era enorme e exuberante! Guilhotinas de variados tipos e tamanhos. O carro alegórico trazia a réplica daquela criada pelo filantropo francês Ignace Guillotin. Ao vê-la, a plateia começou a delirar e gritava “cortem suas cabeças! cortem suas cabeças!” Os carrascos, fantasiados de Rainha de Copas, solícitos, apressavam-se a mostrar o conteúdo monstruoso dos cestos.

Logo entendi tratar-se de um desfile bastante realista. A bateria trazia instrumentos nada ortodoxos. Açoites, machados, garrotes, longas tenazes. Tinha como madrinha a Virgem de Nuremberg.

O ritmo dos instrumentos vinha acompanhado dos gritos lancinantes dos condenados, na ala seguinte, a das fogueiras. Os passistas traziam archotes nas mãos e estavam fantasiados de cidadãos comuns de diferentes tempos e lugares.

As alas eram muitas, e já não me recordo de todas. Lembro-me, entretanto, das tradicionais baianas, neste desfile representadas pelos membros da Ku Klux Klan em suas evoluções agressivas. O samba enredo era um pouco confuso, falava de família e vingança, de amor e extermínio. À ala da Ku Klux Klan, seguia a dos postes, aos quais vinham amarradas muitas vítimas, todas machucadas. Esta me pareceu bastante familiar, e senti um mau presságio percorrendo meu corpo.

Mas o mais surpreendente veio no encerramento. Passada a última ala, a plateia desceu das arquibancadas, tomou a passarela e seguiu a escola. Só então percebi que estavam todos cegos, e eram muitos! O último a passar trazia um cartaz com a frase “olho por olho e o mundo acabará cego”. Pareceu-me Gandhi, mas não tenho certeza.

Este ainda enxergava.

27 de fevereiro de 2014

DAS TRINCHEIRAS

FEm 1914, na Europa, deflagrou-se a Primeira Guerra Mundial. Há cem anos, portanto. Um bom tempo para se aprender alguma coisa! Lembrei-me dela, entretanto, não por conta do macabro centenário, mas devido as suas trincheiras. Se a Segunda Guerra ficou marcada pelo genocídio de diversos povos, empreendido pelo exército nazista, e pelas não menos genocidas explosões nucleares em Hiroshima e Nagasaki, a Primeira teve como principal característica a construção de infundáveis trincheiras, nas quais soldados viviam como ratos em meio à lama, fezes e medo.

As trincheiras eram a morada do medo, lugar da morte em vida, tecnologia a produzir bestas. Disse que 100 anos é um bom tempo para aprendermos algo, mas também tempo suficiente para esquecermos o aprendido. Parece ser este o caso quando vemos ainda hoje pessoas dividirem o mundo entre esquerda e direita, certo e errado, verdade e mentira. Neste binarismo tosco construímos nossas trincheiras contemporâneas, e a partir delas atiramos nossos preconceitos e nossa miopia sobre o outro, seja na mesa do bar, nas redes sociais ou na bancada de um telejornal em cadeia nacional.

Infelizmente, ainda somos incapazes de compreender o mundo como algo muito mais complexo que um auditório francês do século 18, onde pela primeira vez dividimos seres humanos em “da esquerda” e “da direita”. E nesta nossa simplificação do mundo, assemelhamo-nos a fósseis que respiram.

Uma das características das guerras de

trincheiras é a impossibilidade de o entrincheirado conhecer a face daquele que se esconde no buraco oposto. Tememos, assim, a um desconhecido, sobre o qual determinamos nossas sentenças e emitimos nossas opiniões. Vale lembrar que ignorância e preconceito adoram se fantasiar de opinião.

Opiniões são livres, dizemos, e sob este argumento reproduzimos toda sorte de preconceitos de gênero, sociais, étnicos e culturais. Se antes estas “opiniões” restringiam-se às conversas privadas, com o avanço dos meios de comunicação ampliaram-se para o público, transformando em selvagem batalha campal aquilo que sonhávamos pudesse ser saudável debate.

De um buraco, entretanto, não nasce o diálogo; de um buraco nascem apenas gritos.

Entre a terra e o céu, estamos nós. O mundo, meu caro leitor, minha cara leitora, não é binário. Nem a noite é toda escura, tampouco o dia todo claro. Tal qual em 1914, as trincheiras do século 21, escavadas na palavra, são, também, morada do medo, lugar da morte em vida, tecnologia a produzir bestas. Pensem nisto.

13 de março de 2014